ANAIS DO EVENTO

X COLÓQUIO ESTADUAL DE PESQUISA MULTIDISCIPLINAR
VIII CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA MULTIDISCIPLINAR
VII PRÊMIO UNIFIMES DE INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO

18 a 20
MAIO

VOL. 4

CADERNO LITERÁRIO

CONHECIMENTO EM MOVIMENTO:
PESQUISA E INOVAÇÃO NO CONTEXTO MULTIDISCIPLINAR

EDUFIMES

FAPEG
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás

UNIFIMES

PESQUISA UNIFIMES

INOVAÇÃO e EMPREENDEDORISMO UNIFIMES

Coordenadores do Evento:
Dra. Glicélia Pereira Silva
Me. Daniel Resende Freitas

Anais do X Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar, VIII Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar e VII Prêmio UNIFIMES de Inovação e Empreendedorismo

Conhecimento em Movimento: Pesquisa e Inovação no Contexto Multidisciplinar

Volume 4

Caderno Literário

Comissão Organizadora:

Profa. Esp. Aline Rosa de Castro Carneiro
Profa. Dra. Cleide Souza Shimokomaki
Técn. Adm. Deise K. Xavier Kaisa Oliveira
Profa. Dra. Elisângela Maura Catarino
Prof. Dr. Eric Mateus Nascimento
Prof. Dr. Evandro Salvador Alves de Oliveira
Técn. Adm. Gabriel Brom Vilela
Técn. Adm. Gabryella Malveiras Correa
Técn. Adm. Laise Mazurek
Profa. Dra. Lorena Curado Lopes
Profa. Esp. Mariana Fiorim Bózoli Bonfim
Profa. Ma. Marisângela Balz
Prof. Me. Reuber da Cunha Luciano
Prof. Dr. Rogério Machado Pereira
Profa. Ma. Vera Lúcia do Nascimento
Profa. Dra. Wainny Rocha Guimarães Ritter

Comissão Científica:

Dra. Camila Botelho Miguel
Dra. Debora da Silva Freitas
Dr. Diego Ribeiro Oliveira
Dr. Evandro Salvador Alves de Oliveira
Dra. Flaviane Rocha Cesar
Dra. Glicélia Pereira Silva
Dr. José Tiago das Neves Neto
Dra. Luciene Aparecida Pinto Costa Pereira
Dra. Raquel Loren Paludo
Dr. Rodrigo Martins Ribeiro
Dr. Ricardo Cambraia Parreira
Dra. Vanessa Resende Souza Silva
Dr. Wellington Francisco Rodrigues

Luiz Antônio Alves Costa
Presidente do Conselho Superior da FIMES

Juliene Rezende Cunha
Reitora da UNIFIMES

Marilaine de Sá Fernandes
Vice-Reitora

Liomar Alves dos Santos
Pró-Reitor de Administração e de Planejamento

Evandro Salvador Alves de Oliveira
Pró-Reitor de Ensino, de Pesquisa e de Extensão

Equipe Editorial

Conselho Editorial
Camila Botelho Miguel
Cleia Simone Ferreira
Danilo Marques da Silva Godinho
Elisângela Maura Catarino
Eric Mateus Nascimento de Paula
Evandro Salvador Alves de Oliveira
Flaviane Cristina Rocha Cesar
Glicélia Pereira Silva
Reuber da Cunha Luciano
Sebastião Donizete de Carvalho
Wainny Rocha Guimarães Ritter

Deise Katiuscia Xavier Kaisa Oliveira
Editora Chefe / Diagramação

Felipe Beraldo Nogueira
Capa

Contato
EduFimes
edufimes@unifimes.edu.br
(64)3671-5100

EDUFIMES
Clique Aqui e conheça nossas publicações

Os autores são responsáveis por todo o conteúdo publicado, estando sob a responsabilidade da legislação de Direitos Autorais 9.610/1998 e Código Penal 2.848/1940.

Anais do X Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar, VIII Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar e VII Prêmio UNIFIMES de Inovação e Empreendedorismo

Conhecimento em Movimento: Pesquisa e Inovação no Contexto Multidisciplinar

Volume 4

Caderno Literário

Coordenadores do Evento:

Dra. Glicélia Pereira Silva
Me. Daniel Resende Freitas

ISBN: **978-65-83767-03-5**

DOI: **http://doi.org/10.35685/xcoloquioacaderno**

Serviço de Documentação Universitária
Centro Universitário de Mineiros - UNIFIMES
Biblioteca Central Dom Eric James Deitchman
Bibliotecária: Karine Balduino Costa CRB - 1/ 3513

C397a Centro Universitário de Mineiros

Anais do X Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar, VIII Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar e VII Prêmio UNIFIMES de Inovação e Empreendedorismo: conhecimento em movimento: pesquisa e inovação no contexto multidisciplinar. Volume 4, Caderno literário / coordenação de Glicélia Pereira Silva, Daniel Resende Freitas. — Mineiros, GO : UNIFIMES, 2026.

72 p.
ISBN 978-65-83767-03-5
DOI: http://doi.org/10.35685/xcoloquioacaderno

1. Produção literária. 2. Coletâneas literárias.
I. Silva, Glicélia Pereira, coord.
II. Freitas, Daniel Resende, coord.
III. Centro Universitário de Mineiros. IV. Título.

CDD: 869
CDU: 821

EDITORIAL

É com grande satisfação que apresentamos os Anais do X Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar, VIII Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar e VII Prêmio UNIFIMES de Inovação e Empreendedorismo, cujo tema central foi: Conhecimento em Movimento: Pesquisa e Inovação no Contexto Multidisciplinar, realizado pelo Centro Universitário de Mineiros-GO, em seus dois campi, Mineiros e Trindade no ano de 2026. Mais do que uma programação acadêmica, o evento constituiu-se como um espaço institucional de interlocução, formação, divulgação científica e integração entre diferentes áreas do conhecimento, reunindo estudantes, docentes, pesquisadores, profissionais, gestores e representantes da comunidade local em torno de questões fundamentais para a educação superior e para o desenvolvimento social.

A escolha do tema expressa uma compreensão contemporânea da ciência como processo dinâmico, coletivo e socialmente situado. O conhecimento não se encontra restrito aos espaços formais de produção acadêmica, ele se movimenta entre pessoas, instituições, territórios e campos profissionais, adquirindo novos sentidos à medida que é compartilhado, questionado, aplicado e reconstruído. Nesse contexto, a pesquisa e a inovação assumem papel estratégico na interpretação dos desafios atuais e na elaboração de respostas comprometidas com a transformação da realidade.

A programação geral foi organizada por meio de palestras, mesas de debates, oficinas, rodas de conversa, ações de extensão e apresentações acadêmicas, contemplando dimensões epistemológicas, metodológicas, profissionais, éticas e sociais da formação universitária. Entre os temas abordados, destacou-se a discussão sobre Fake News Científica e Leitura Crítica, cuja relevância se intensifica diante da velocidade de circulação de informações em ambientes digitais. A atividade favoreceu a reflexão sobre os critérios de validação do conhecimento, a análise da confiabilidade das fontes, a distinção entre opinião e evidência e a responsabilidade individual e coletiva na produção e no compartilhamento de conteúdos relacionados à ciência.

A palestra de abertura trouxe o tema, Inovar: para quê, afinal? e ampliou o debate ao problematizar a inovação para além de uma perspectiva meramente tecnológica ou mercadológica. Inovar implica reconhecer necessidades concretas, compreender contextos, avaliar impactos e propor soluções ética e socialmente responsáveis. Sob essa ótica, a inovação acadêmica e profissional deve estar articulada à melhoria da qualidade de vida, à democratização do acesso ao conhecimento e à construção de práticas capazes de responder às demandas da sociedade.

Essa perspectiva esteve diretamente relacionada ao eixo Pesquisa Multidisciplinar e impacto social: como transformar conhecimento em prática?. A pergunta orientadora evidencia uma das principais responsabilidades da universidade. Produzir conhecimento relevante e criar condições para que os resultados da pesquisa alcancem a sociedade. A multidisciplinaridade, nesse processo, permite a aproximação entre diferentes saberes, métodos e experiências, favorecendo análises mais abrangentes e intervenções mais consistentes diante de problemas complexos.

Outra importante abordagem durante as atividades do evento foram as discussões geradas em torno da Plenária Sobre Inclusão, que reforçou o compromisso institucional com a construção de ambientes educacionais e sociais mais acessíveis, equitativos e acolhedores. Refletir sobre inclusão significa considerar as diferentes trajetórias, identidades, condições e necessidades que compõem a comunidade acadêmica e a sociedade. A formação acadêmica e o desenvolvimento profissional também foram contemplados em atividades como, Meu Lattes na Prática: como atualizar e potencializar a trajetória", Como Publicar sua Primeira Pesquisa e Ciência de Dados e Pesquisa: da Iniciação Científica ao Mercado.

Essas ações contribuíram para aproximar os participantes dos processos de iniciação científica, sistematização da produção acadêmica, comunicação dos resultados e construção de trajetórias profissionais orientadas pela aprendizagem contínua.

No âmbito da saúde, a atividade Empreendedorismo na área da Saúde: abra sua mente, estimulou a ampliação da visão sobre as possibilidades de atuação profissional, destacando que empreender pode significar criar serviços, desenvolver tecnologias, propor modelos de cuidado, gerir projetos e responder de modo inovador às necessidades da população. De igual maneira, a palestra sobre Carreira em Ação: Desenvolvimento Pessoal e Comunicação para o Mundo Profissional complementou essa formação ao valorizar competências relacionadas à comunicação, à colaboração, à liderança, à autorreflexão e à capacidade de adaptação.

Nesse mesmo espírito de integração, a realização de um sarau literário incorporou à programação uma dimensão estética, cultural e sensível. A presença do sarau nos Anais do evento simboliza a compreensão de que a ciência não se constitui apenas por dados e procedimentos, mas também por narrativas, valores, perguntas, sensibilidades e formas diversas de compreender o mundo.

A dimensão extensionista também esteve representada por meio de ações como: Conhecendo as partes e sistemas do corpo humano", associada à proposta "Mini Médicos em Ação: Primeiros Passos na Cirurgia e por meio da roda de conversa sobre: A vida acadêmica do aluno de medicina do pré-internato ao internato.

A programação foi enriquecida pelas apresentações de resumos, resumos expandidos, artigos científicos, projetos de inovação e trabalhos produzidos em diferentes áreas de formação. Essas modalidades de comunicação científica permitiram aos participantes compartilhar resultados, relatar experiências, apresentar problemas de pesquisa, discutir metodologias e receber contribuições para o aprimoramento de seus estudos. A diversidade dos trabalhos apresentados revela a vitalidade da produção acadêmica e demonstra que a pesquisa se desenvolve em diferentes níveis de complexidade, desde a iniciação científica até projetos voltados à inovação e à intervenção social.

A realização do evento também integrou a comemoração da Semana Acadêmica dos cursos de Pedagogia e de Sistemas de Informação, fortalecendo a articulação entre áreas que, embora possuam objetos, linguagens e métodos específicos, encontram importantes pontos de convergência na sociedade contemporânea. A Pedagogia contribui para pensar os processos educativos, a formação humana, a inclusão e a transformação social. O curso de Sistemas de Informação, por sua vez, amplia as possibilidades de organização, análise e circulação de dados e conhecimentos. O encontro entre esses campos reafirma a necessidade de práticas acadêmicas capazes de superar fragmentações e promover cooperação entre saberes.

O conjunto das atividades evidencia o amplo alcance do evento para a comunidade estudantil e para a comunidade local. Ao reunir formação científica, desenvolvimento profissional, inclusão, extensão, cultura, inovação e diálogo interdisciplinar, a iniciativa ultrapassou os limites de uma programação estritamente acadêmica. O evento criou oportunidades de participação, aprendizado e convivência, aproximando a instituição de ensino das demandas do território e reafirmando seu compromisso com a formação integral dos estudantes e com a responsabilidade social.

Os trabalhos reunidos nestes anais representam, portanto, uma parcela significativa das discussões, experiências e produções compartilhadas ao longo do evento. Mais do que registrar as atividades realizadas, esta publicação oferece um panorama da diversidade de perspectivas que atravessam a pesquisa, a inovação, a educação, a saúde, a tecnologia, a cultura e a extensão. Cada contribuição aqui apresentada expressa uma forma de compreender a realidade e de intervir nela, compondo uma rede de conhecimentos que se fortalece por meio do diálogo interdisciplinar.

Como publicação científica, estes Anais também reafirmam a importância do rigor na construção e na comunicação do conhecimento. A pesquisa acadêmica exige clareza de objetivos, coerência teórico-metodológica, responsabilidade na análise dos dados, respeito aos princípios éticos e compromisso com a transparência. Ao mesmo tempo, requer abertura para

o debate, disposição para a revisão e reconhecimento de que todo conhecimento é historicamente situado e passível de aperfeiçoamento.

O tema Conhecimento em Movimento sintetiza, assim, o sentido mais amplo desta experiência. O conhecimento move perguntas, aproxima pessoas, conecta áreas, estimula a inovação e produz possibilidades de transformação. Ele se movimenta quando estudantes se tornam pesquisadores, quando resultados acadêmicos encontram problemas concretos, quando a universidade dialoga com a comunidade e quando diferentes campos reconhecem que nenhum saber, isoladamente, é suficiente para responder à complexidade do mundo.

Registramos nosso agradecimento aos autores, palestrantes, organizadores, avaliadores, colaboradores, estudantes, docentes, profissionais e membros da comunidade que contribuíram para a realização do evento.

Que estes Anais ultrapassem a função de registro e se constituam como fonte de consulta, inspiração e continuidade. Esperamos que os trabalhos aqui reunidos estimulem novas pesquisas, projetos de inovação, ações de extensão, parcerias interinstitucionais e práticas profissionais comprometidas com a ética, a inclusão e o impacto social. Ao celebrar a ciência em suas múltiplas expressões, este evento reafirma que pesquisar, ensinar, inovar e compartilhar conhecimento são ações indissociáveis da construção de uma sociedade mais crítica, democrática e socialmente justa.

Dra. Glicélia Pereira Silva
Diretora de Pesquisa da UNIFIMES

SUMÁRIO

QUERIDA, MEMÓRIA 9
VELOCIDADE 11
MAIS UM CORPO CAÍDO NO CHÃO 14
BRINCADEIRAS DE CRIANÇA 17
A MENINA QUE JÁ SABIA LER 20
SOU FILHA DE VOVÔ? 22
A INFÂNCIA QUE AINDA MORA EM MIM 25
ALÉM DE RESPIRAR 29
AQUELA RUA QUE ERA MINHA 31
ENTRE O CÃO DA RUA, A ÁRVORE DA PRAÇA E O HOSPITAL CHEIO: QUANDO A SAÚDE É UMA SÓ 34
A REDE E A VENDA 38
ANTES DO RÓTULO, EXISTIA UMA CRIANÇA 41
O CHORO 44
O LOBO NÃO ERA O PROBLEMA 47
SOMBRAS DE UM PASSADO 51
A MENINA E O QUINTAL SEM MUROS 55
A LENDA DO FLAMBOYANT 56
O CAMINHO DO APRENDER 59
A FILHA DO MEIO 61
O VENTO DAS FRONTEIRAS INVISÍVEIS 64
A PRÓ-ATIVIDADE MÉDICA E A ESCUTA EMPÁTICA NO MODELO BIOPSICOSSOCIAL 67

QUERIDA, MEMÓRIA

Jordana Oliveira Farias Martins[1]

Oh, meu Deus, eu esqueci.
Tenho ficado tão perdida…
Como eu poderia?
De tão perdida que fiquei,
nem o fogo desliguei.

Ontem estava pensando…
“Odisseia”, “geleia”, “paranoia”:
com acento ou não?
Não lembro.
Aliás, do trema, quem se lembra?

Mas deu um “branco”:
do padeiro da esquina,
de Dona Tereza, costureira,
da letra da canção.

ah, do espetáculo singular da natureza
nos dias de chuva.

Passou tão rápido
o canto das sereias?
Não lembro.

Mas teve um dia…
naquele dia,

Nas oscilações da vida,
eu me lembro

[1] Acadêmica do curso de Direito do Centro Universitário de Mineiros/UNIFIMES. martinsjordana004@academico.unifimes.edu.br

da tua gentileza,
da tua atenção,
da tua constância,

meio inobservada, eu sei,
mas me lembro
do teu esforço educado
da cortesia disfarçada de dureza,
de todas as belezas,
tua força, querida.

E disso,
não me esqueço.

VELOCIDADE

Carlos Júnio Silva Dias[1]

Conheço pessoas
que atravessam a vida
como quem atravessa uma estrada de chão
numa madrugada.

Olham para os lados
uma vez
e já estão do
                outro lado.

Outras não.

Outras portam no íntimo
um tic-tac tácito
feito de carne e cicatriz.

Cada sentença inequívoca
passa primeiro
por uma câmara de espólio.

Cada passo
pede licença ao chão.

Então alguém diz:
"Você é lento"

O termo trespassa ténue
como fruto de jatobá:
vem ao sopro

[1] Acadêmico do curso de Pedagogia, 5º período, do Centro Universitário de Mineiros. Email: 202420156@fimes.edu.br Vínculo institucional.

E fazem cair sobre ti seu pó silvestre.

Mas ninguém vê
o que acontece por (dentro).

Ninguém vê
o pensamento desmontando o mundo
parafuso por parafuso
antes de ousar dar o próximo passo.

Há quem viva
como um fogo-fátuo:

acende de repente
zune
desmesura
ilumina tudo de uma vez.

Outros vivem
Como vereda perene que sempre se perpetua
A água passa.
Os anos passam.
As décadas passam.
Os séculos passam.
A vida passa.
E ainda assim
algo permanece
pensando...

Talvez seja isso
que o mundo chama de lentidão:

o pequeno escândalo
de alguém

que se recusa
a existir
sem primeiro
entender onde pisa.

Ou talvez do talvez
Seja apenas o tempo
Pensando um pouco
Dentro de um corpo
Que pensa
que pensa
e ainda pensa
entre um passo
e outro passo
Entre um segundo
e outro segundo
entre o milésimo
do milésimo
do...

MAIS UM CORPO CAÍDO NO CHÃO

Elisângela Maura Catarino[1]
Geovana Borges Viana[2]
Luanna de Paula Araujo e Paiva[3]
Gabrielly Adorno Santana[4]
Izabel Lima Goulart[5]

Quando uma mulher é morta, todas são, pois o sangue que escorre pelo asfalto representa que nossa sociedade está doente, precisando relembrar que homens e mulher fazem parte do mesmo contexto social. Ainda lembro. que um homem, sempre nascerá de uma mulher. Essa deu a ele parte de sua vida para que pudesse estar nesse mundo.

Então por que matar? Por que violentar? Por quê? Misoginia, palavra do momento, construído sobre os corpos de cada vítima. Não representa só ódio contra as mulheres, mas um retrocesso secular que não leva a nada. Como viver sobre essa lógica, em uma sociedade onde juntos podemos poderíamos ir muito mais longe.

Machismos, que distorcem valores, impõe regras que já deixaram de fazer sentido, pois afinal, nunca fizeram. Frases como "Você vai entender", ou "Quem você pensa que é", ou "onde você pensa, que vai chegar com isso", reforça um caráter de ordem. É o imperativo da maldade. Subjugar uma mulher ou desacreditá-la é ignorar o fato que nós, somos muitas, somos várias, somos a descoberta e a salvação. Dra. Tatyana Coelho de Sampaio, revolucionando a ciências com a descoberta da uma substância que trouxe esperança a quem não tinha, andar novamente. Ou o que falar de Margareth Dalto que defendeu a vacina e a necessidade do isolamento durante a covid 19, salvando várias vidas das fake News.

Portanto, não importa a roupa, a profissão, o jeito de falar, ser magra, ou gorda, tatuada. Somos feitas da mesma matéria. Sofremos dos mesmos males, medos, frustração, angústia, solidão... todos sentimos, não importando se é uma mulher ou um homem.

Homens! não podem achar que um corpo feminino é propriedade, pois esse corpo pertence a mulher. O fim de um relacionamento não é o fim, é a oportunidade de conhecer e se

[1] Professora adjunta do Centro Universitário de Mineiros-UNIFIMES, em Leitura e Compressão/Produção de texto. Doutora em Educação pela ULBRA, e orientadora PIBIC . Além de pesquisadora internacional pela Universidade de Salamanca-Espanha. Email: maura@unifimes.edu.br
[2] Academia do curso de pedagogia do Centro Universitário de Mineiros-UNIFIMES., do 3º período.
[3] Academia do curso de pedagogia do Centro Universitário de Mineiros-UNIFIMES., do 5º período
[4] Academia do curso de pedagogia do Centro Universitário de Mineiros-UNIFIMES., do 1º período
[5] Academia do curso de pedagogia do Centro Universitário de Mineiros-UNIFIMES., do 1º período

apaixonar por outros ou outras e isso faz parte do ciclo da vida. Vinicius de Moraes já declamava em seus versos "Que seja eterno quanto dure...". Então matar é ser egoísta, e a total incapacidade de recomeçar de se encontrar e de encontrar com outros amores.

Não acredito que homens nasçam machistas e misóginos, aprendem. Talvez pelo conviveu com violências diária, sendo incapacidade de questionar, apenas replicam, sempre com os mais fracos e vulneráveis, resultado das velhas violências.

Ou porque os corpos masculinos também sofrem, são abusados como carne barata, são usados e explorados por diferentes lógicas que constrói no imaginário que homem, ele não sofre. Como canta Pablo "homem não chora...", qual homem? O que não se perdeu dentro de suas lágrimas, medos e sofrimento? Pois construiu para si um mundo onde é sempre o mais forte, o intangível? Que triste, não aprendeu ser gente.

Precisamos educar nossos meninos para serem pessoas, não "homens" no pior dos significados, incapazes de chorar, de expor seus medos, ou mesmo de demonstrar o que sente. Mulheres e homens são do mesmo cerne, humanos, e nos mulher não somos seres frágeis e nem fortes, somos humanas, que aprendemos desde muito cedo, que a vida não é igual para todos.

Morrer por ser diferente, por não querer mais viver sobre o jugo do ódio, do desafeto, da ausência do amor é a escolha mais correta, para que todos tenham oportunidade de escolher outros caminhos.

Hoje, ao assistir aos noticiários nos deparamos com tragédias que nos impactam. Mães assassinadas frente aos filhos, sem chance, sem piedade, nua e crua como a morte. Mas, ainda estamos diante de outra forma de cortar em nossa carne. Nossos filhos, alvos, presas fácies para atingir não nosso corpo e sim nossa alma. Não matem nossos filhos!

Não temos nada que comemorar no dia 08 de março, nenhuma flor vermelhar vai apagar o sangue de nossas irmãs derramadas no asfalto, por aqueles que deveriam ser parceiros, mas que se tornam nosso algoz. Quantas mães, irmão, filhos vão chorar! Quantas Tainaras ainda precisam ser arrastadas por avenidas; quantas Vanessas não vão conseguir chegar em casa depois da faculdade? Quantas meninas e mulheres ainda vão chorar em silêncio, ou quem sabe, que essa possa ser o último instante para cada uma delas.

Quando uma mulher morre, todas morrem. Nenhuma mulher está segura, se não mudarmos as raízes de tudo isso. Maria da Penha, Lei do Feminicídio, medida protetiva...nada...nada salvará a nenhuma mulher, se do outro lado o sentimento de posse impera e comanda.

Chega!

Nunca declaramos ódio aos homens, porque não faz sentido. Olhamos para cada um como mais um que compartilha desse mundo a oportunidade de viver.

Homens e mulheres são da mesma massa...humanos...imperfeitos.

Não podemos mais aceitar a repulsa de mais um assassino se justificando sobre o sangue da vítima um amor incondicional. Queremos apenas respeito, direito de sair e voltar para casa, sem medo. Direito a escolha de um novo amor. O direito de sorrir sem medo, sem se justificar. Sermos apenas a mãe, a filha, a tia, a prima, a mulher que pulsa em vida.

Ficarmos caladas não cabe mais na nota da canção antiga, onde dizia “Que Amelia que era mulher de verdade...”, somos uma versão mais rock como Pitty, “[..] não ficaria bem em sua estante” ou “Eu estarei de pé, de queixo erguido”... Esperança de dias melhores, onde meninas e meninos aprendam juntos o valor da vida de cada ser vivo, onde não aceitem mais os discursos de ódio, apenas vivam. Essa é a esperança diária nesse mundo que precisa tanto de amor.

BRINCADEIRAS DE CRIANÇA

Alba Cristina Pereira da Silva[1]

Ah…
boa mesmo
era a vida de criança.
Era o bete,
a estratégia na palma da mão
e a vitória no grito.
Era o cabo de guerra,
força misturada com risada.
Era a queimada,
onde perder era só sair correndo
e esperar a próxima rodada.
Era o morto-vivo na escola,
e o professor rindo mais que a gente.
Era o detetive, vítima e assassino,
onde morrer era cair rindo
e viver era desconfiar de todo mundo.
Era pular corda,
voar sem sair do chão.
Era o elástico,
com passos que pareciam dança,
coordenação que virava conquista
entre as meninas.
Era pique-esconde,
onde se esconder
era também querer ser encontrado.
Era pique-pega,
correndo da vida

[1] Acadêmica do curso de Direito (alba@unifimes.edu.br)

sem saber que um dia
ela ia correr atrás da gente.
Era adedonha,
gritando “STOP”
como se fosse possível
parar o tempo
para escrever aquela última palavrinha
que valia 10 pontos.
Era salve bandeira,
heróis sem capa
salvando pedaços de pano
como se fossem tesouro.
Era amarelinha,
equilibrando o corpo
como hoje tento equilibrar a vida.
Era a dança das cadeiras,
aprendendo cedo
que nem sempre há lugar para todos.
Era adoleta,
nas palmas das mãos,
era feira de memória,
fui à feira e comprei...
Passa anel,
com mãozinhas pequeninas
e anéis de chiclete.
Era cabra-cega,
cega será mesmo?
Ou era só confiança
de que ninguém ia enganar?
Era correr pra lá e pra cá
para o cabra não te pegar,
Ops! A cabra.
Era soltar pipa no céu
e achar que controlava o vento,

e transformar o papel
em um avião em movimento.
Era jogar damas, dominó,
decidir o destino no jokenpô,
girar pião, bambolê,
girar o mundo inteiro
sem nem entender.
Tão vivo,
tão rápido,
tão… descomplicado.
E eu penso,
com um aperto doce no peito,
com saudade daquele tempo
em que viver era tão bonito,
era só brincar e se entreter.
A gente crescia
sem perceber,
aprendia tanta coisa
sem nem força fazer.
Ahhhh saudade que eu sinto
de quando eu era pequena…
e aquele mundo lindo
era infinito.

A MENINA QUE JÁ SABIA LER

Sunamita da Silva Sousa[1]

Sempre gostei de aprender e, antes mesmo de entrar na pré-escola, já carregava comigo um pequeno universo de letras, sílabas e palavras que minha mãe, com toda sua paciência e dedicação, me ensinava em casa. E foi ali, entre os cadernos as vezes improvisados e ao som repetido das vogais e sílabas que ela ensinava, que minha alfabetização realmente começou, muito antes mesmo de qualquer sala de aula.

Quando finalmente chegou o dia de entrar na creche, já estava alguns passos à frente das demais crianças da minha idade. E isso não era por pura genialidade, mas sim, pelo esforço e cuidado de uma mãe dedicada, que mesmo com pouco recurso, acreditava no poder da educação e em um futuro melhor para sua filha. Contudo, não quiseram me colocar na turma mais avançada. Decidiram então, realizar uma prova, daquelas que medem mais a coragem do que o conhecimento, só então é que aceitaram que eu estava pronta.

Mas estar pronta não significava ser aceita.

Afinal, sempre que minha mãe saía, alguém insistia em me tirar da sala onde eu deveria estar. Isso era como se eu precisasse provar, todos os dias, que merecia aquele espaço, algo complicado para quem ainda é tão pequena, compreender. Nisso, a pré-escola, que deveria ser um lugar de acolhimento, acabou assim, se tornando um espaço cercado pelo medo e frustação. E a adaptação, que deveria ser tranquila, se transformou em um pequeno trauma que me acompanhou por muitos anos.

Com o passar dos anos, fui compreendendo que a alfabetização não é só sobre juntar letras. É sobre ser vista. É sobre ser respeitada no seu próprio ritmo. É sobre, acima de tudo, ter alguém que incentiva e acredita em você assim como minha mãe acreditou.

Agora, como discente do curso de Pedagogia, trago comigo esta memória, que muito me marcou, como alguém que carrega uma bússola para norteá-la, para me lembrar todos os dias, do tipo de educadora que pretendo ser. Quero se aquela profissional que acolhe, que escuta e que acima de tudo entende que cada aluno é um universo particular, aquela que sabe que o lúdico não é apenas um mero enfeite, mas uma ponte, a que reconhece e compreende que a alfabetização é um processo delicado, que dependendo de uma palavra ou ação, pode deixar impactos significativos na vida das crianças.

[1] Discente do curso de Pedagogia, Centro Universitário de Mineiros - UNIFIMES, sunasilva045@gmail.com.

Aprendi na prática, que a escola e família precisam e devem caminhar juntas e que cada criança precisa de um incentivo, de afeto, acolhimento, mas principalmente, de alguém que a ajude a descobrir e decifrar o mundo e que o professor tem um papel crucial nessa travessia, bem como enxergar cada criança como única, respeitando seu tempo, sua história, sua forma de aprender.

Apesar das dificuldades, se hoje eu busco aprender para futuramente promover mais leveza no ambiente escolar é porque um dia me faltou leveza, se hoje me preparo para em breve criar espaços seguros é porque um dia me faltou segurança e se hoje me esforço para compreender como incentivar as crianças que farão parte da minha prática docente, a terem experiências e serem leitores e escritores críticos é porque sei que a alfabetização é o fundamento que sustenta todo o aprendizado.

Então finalmente, compreendi com a minha trajetória até aqui, que alfabetizar vai além de ensinar a ler e escrever, alfabetizar é ajudar a criança se reencontrar e se reconhecer no mundo e a escrever sua própria história.

SOU FILHA DE VOVÔ?

Thamires dos Santos Cardoso [1]

Em uma pequena cidade vivia Sara, uma menina que cresceu em uma casa onde o amor parecia morar em cada canto. Ela vivia com o avô Antônio, a avó Marlei, a irmã Lucy. A vovó Marlei era sua maior inspiração, ela quem cuidava de tudo com carinho: organizava a casa, ajudava nos deveres da escola e, todas as sextas-feiras, fazia seus famosos bolinhos de cenoura. Tinha um jeito especial de acolher, de proteger e de fazer cada uma de nós se sentir amada.

O vovô Antônio era o porto seguro da casa, ele quem segurava a mão de todos, quem trabalhava, e consertava o que fosse preciso. Seus cabelos branquinhos quase sempre ficavam cheios de liguinhas quando brincávamos de salão com ele. E, na hora de dormir, nos enchia de abraços junto com a vovó e fazia sua oração, pedindo a Deus que cuidasse de nós. A mamãe morava na casa ao lado, mas eu ainda não sabia o porquê que a mamãe não morava junto comigo, assim como as mamães das minhas amiguinhas.

A vovó Marlei sempre me levava para a escola. Íamos a pé, porque a escola ficava bem pertinho de casa. Eu achava aquela escola enorme. No pátio havia uma árvore muito grande, e era debaixo da sua sombra que fazíamos nossos lanches. Na hora de ir embora, sempre tinha alguém nos esperando com amor.

Certo dia, foi o vovô quem veio me buscar. Assim que o vi no portão, gritei bem alto:

— Papaaaaai!

Minha coleguinha arregalou os olhos e perguntou, assustada:

— Papai? Mas ele não é o seu avô? Eles são gêmeos?

Eu ri e respondi:

— Claro que não, bobinha. Ele é o meu pai e também o meu avô.

Ela franziu a testa, ainda mais confusa:

— Mas como assim? Ele namora com a sua mãe?

Não consegui responder aquela pergunta e fui embora para casa com aquelas palavras ecoando na cabeça. Até então, eu nunca havia parado para pensar naquilo. Eu sempre chamei meu avô de pai, mas naquele dia, pela primeira vez, me perguntei o porquê.

Será que ele era meu pai de verdade? Ou será que eu não tinha pai? Por que minha mãe não mora comigo? Por que nossa família era diferente dos meus colegas de sala? Essas

[1] Acadêmica do 7º período do curso de pedagogia, pelo Centro Universitário de Mineiros-UNIFIMES. Email: Thamires.sc06@gmail.com

perguntas começaram a morar dentro de mim. Fiquei pensativa o resto do dia, até que, sem conseguir guardar tanta dúvida, decidi perguntar à minha mãe.

— Mamãe, cadê o meu papai de verdade? E por que o meu papai não mora com você e nem comigo?

Minha mãe me olhou com ternura, respirou fundo e respondeu:

— Filha, você ainda não conhece o seu pai. Ele foi embora assim que soube que eu estava grávida de você.

Olhei para ela sem entender e perguntei:

— Mas por quê, mãe? Ele não gosta de mim?

Ela me abraçou forte antes de responder:

— Não é isso, minha filha. Você ainda é pequena para entender algumas coisas. Seu pai e eu éramos muito novos. Quando ele descobriu que eu estava esperando você, disse que iria embora da cidade. Nós não estávamos preparados para ser pais naquele momento. Decidimos nos separar, e eu pedi aos seus avós que cuidassem de você quando você nasceu.

— Mamãe então por que eu chamo o vovô de papai?

— Você e sua irmã aprendeu a chamar o vovô de papai, sempre ouvia eu e suas tias chamar seu avô de papai e aprendeu assim, e sendo verdadeira o vovô pode não ser seu pai biológico, mas é seu pai de criação junto com a vovó, pois eles quem cria você.

— Então mamãe eu já sei o que falar para minhas colegas quando perguntarem porque eu chamo o vovô de papai, pois ele cuida de mim, e eu tenho a vovó como minha segunda mãe.

Assim que nossa conversa acabou, abracei minha mãe bem forte. Naquele abraço, senti que muitas das minhas dúvidas tinham encontrado resposta. Talvez eu ainda fosse pequena para entender tudo, mas já sabia o mais importante: eu era muito amada.

Corri para casa com o coração mais leve. Quando cheguei, abracei meu papai e minha vovó Marlei com toda a força que cabia em mim. Naquele instante, entendi que família não é feita apenas de laços de sangue, mas principalmente de cuidado, presença, amor e dedicação.

Com o tempo, fui crescendo e compreendendo melhor tudo o que minha mãe havia me contado. Hoje, já adolescente, carrego comigo a certeza de que tive a sorte de ser criada por pessoas que me deram amor todos os dias, nos gestos mais simples e mais verdadeiros.

Morar com os avós foi, sem dúvida, uma das maiores bênçãos da minha vida. A casa deles foi meu primeiro lar, meu lugar de segurança, de carinho e de afeto. Foi ali que aprendi o verdadeiro significado de família. Hoje carrego lembranças da minha mãe-avó Marlei, pois ela virou uma das estrelas mais brilhante do céu.

E quando alguém me pergunta sobre o meu pai, eu respondo com orgulho e sem hesitar:

— Meu pai é o meu avô e eu sou filha do meu avô. Por que pai não é apenas quem gera. Pai é quem ama, cuida, protege, ensina e permanece. E disso, graças a Deus, eu nunca senti falta.

A INFÂNCIA QUE AINDA MORA EM MIM

Gabriela Dos Reis Silva[1]

É no quintal as árvores já guardavam segredos, foi na fazenda que a infância aprendeu a ser inteira.

Lá, tudo parecia maior, mas não maior de tamanho — maior de sentido. O céu se abria sem pressa, o vento passava livre, e o tempo... o tempo não corria como hoje. Ele se deitava devagar entre uma brincadeira e outra, como se soubesse que ali ninguém estava com pressa de crescer.

E, ainda assim, a gente tinha.

Às vezes, existia uma vontade apressada de ser grande, de alcançar logo aquilo que nem sabíamos direito o que era. Crescer parecia bonito, distante, quase um prêmio. A gente não sabia que, junto com o tempo, algumas coisas ficariam pelo caminho.

Porque, naqueles dias, viver já era tudo.

Acordar na fazenda era diferente. Não tinha despertador, nem correria. Era o barulho dos passarinhos, o cheiro do café vindo da cozinha, a luz entrando pelas frestas da janela. O corpo despertava devagar, como quem não precisava disputar espaço com o tempo.

E o dia começava sem ser anunciado. A gente só ia.

Pé no chão, sentindo a terra, sem medo de sujar, sem medo de se perder. O mato não assustava

— chamava. Cada caminho parecia prometer alguma descoberta, mesmo que fosse pequena. E quase sempre era.

Subir em árvore era um dos primeiros desafios do dia. Escolher qual, testar o tronco, encontrar apoio, confiar. O coração batia mais forte não de medo, mas de alegria. Era como se cada subida fosse uma conquista silenciosa, um segredo entre a gente e a árvore.

Lá de cima, o mundo mudava.

As coisas pareciam menores, mais distantes, mais leves. O vento batia no rosto como quem contava histórias, e a gente acreditava, mesmo sem entender direito. Talvez porque a infância não precise entender — ela só sente.

E sentir já basta.

[1] Acadêmica do curso de pedagogia; gabrieladosreissilva6@gmail.com

Descer da árvore quase sempre levava a outro caminho. Às vezes, direto para o pomar. E ali começava outro tipo de aventura: escolher a fruta no pé. Não qualquer uma, mas a mais bonita, a mais madura, aquela que parecia ter sido guardada só para aquele momento.

A gente esticava o braço, colhia, limpava na roupa mesmo — quando limpava — e comia ali, sem cerimônia. O gosto era diferente. Não era só doce. Era liberdade.

Era pertencimento.

Era a sensação de que o mundo estava ao alcance das mãos. E então vinha o rio.

Ah, o rio...

Ele não era só água passando. Era convite. Era brincadeira pronta. Era lugar de encontro. A gente chegava correndo, parava na beirada só o tempo de sentir o frio com o pé, e logo já estava dentro, mergulhando, rindo, chamando quem estivesse por perto.

A água gelada fazia o corpo estremecer no começo, mas depois virava parte da gente. O tempo ali se dissolvia. Ninguém perguntava a hora. Ninguém queria ir embora.

A cachoeira tinha outro tipo de magia. A força da água caindo, o barulho constante, quase como uma música antiga. Ficar debaixo dela era um desafio e, ao mesmo tempo, uma entrega. A gente se sentia forte e pequeno ao mesmo tempo.

E era bom.

Na beira do rio, o barro virava mundo. A gente se sentava no chão e começava a criar. Panelinhas, pratinhos, comidinhas inventadas. Tudo feito com cuidado, com atenção, com um tipo de dedicação que hoje parece rara.

Era brincadeira, mas era sério. Muito sério.

Brincar de casinha no meio do mato era construir um lugar dentro do nada. Galhos viravam paredes, folhas viravam telhado, e qualquer cantinho se transformava em lar. Não importava se no dia seguinte aquilo não existiria mais.

Naquele momento, existia. E isso bastava.

Às vezes, a gente ia mais longe.

Andar a cavalo era uma dessas experiências que faziam o mundo parecer maior. O movimento, o ritmo, o som dos passos no chão, o vento mais forte no rosto. Era uma liberdade diferente, mais ampla, como se a gente pudesse ir além do que os olhos alcançavam.

E, quando a coragem aumentava, vinha a ideia de acampar.

Na beira da lagoa, tudo ganhava outro ritmo. Montar barraca improvisada, deitar no chão, olhar o céu cheio de estrelas. O silêncio da noite não era vazio. Era cheio de sons que a gente aprendia a reconhecer aos poucos.

O escuro não assustava tanto.

Talvez porque a gente ainda não tivesse aprendido a ter medo de tudo.

E, no meio de tantas aventuras, existiam os momentos que pareciam pequenos, mas que hoje são os que mais ficam.

O doce caseiro sendo feito devagar, mexido no tacho, o cheiro tomando conta da casa. A espera parecia longa, mas era uma espera boa, cheia de expectativa. E, no final, vinha o melhor: raspar o tacho.

Era simples. Mas era tudo.

Assim como acordar cedo e tomar café. O leite com toddy, o pão fresquinho, às vezes ainda quente. Sentar-se sem pressa, sem olhar para o relógio, sem dividir atenção com mais nada.

Só estar ali.

Só viver aquilo.

Hoje, quando olho para a vida, tudo parece rápido demais. Os dias passam corridos, cheios de coisas, mas nem sempre cheios de sentido. Às vezes, a gente faz muito... e sente pouco.

E é estranho perceber isso.

Porque, lá atrás, com tão pouco, a gente sentia tudo.

Às vezes, tínhamos pressa em crescer, como se o futuro guardasse algo maior do que aquilo que já vivíamos. Não sabíamos que, nesse caminho, ficaríamos um pouco mais distantes de certas coisas. O sabor da infância, por exemplo — esse gosto simples, verdadeiro, que não se repete.

Ficaram para trás as árvores escaladas sem medo, os pés sujos de terra, os joelhos marcados, a liberdade de imaginar grandeza no que era pequeno.

Ficou para trás aquela capacidade de transformar o pouco em tudo. E talvez seja isso que mais faz falta.

Não exatamente o lugar, nem só as lembranças, mas o jeito de viver. A forma como o tempo era sentido, como cada momento parecia suficiente, como a vida não precisava de muito para ser inteira.

Hoje, a gente busca.

Busca tempo, busca sentido, busca descanso.

Mas talvez o que esteja faltando não seja algo novo. Talvez seja só lembrar.

Lembrar que um dia já soubemos viver sem pressa. Que já encontramos felicidade no simples, no pequeno, no improvisado. Que já fomos capazes de transformar uma tarde qualquer em algo inesquecível.

A infância pode até ter passado rápido. Mas, dentro dela, o tempo era lento.

E cheio.

E talvez crescer não seja esquecer isso. Talvez seja, aos poucos, tentar voltar. Nem que seja só um pouco.

Nem que seja só dentro da gente.

ALÉM DE RESPIRAR

Néllio Silva Resende[1]

A busca pelas faculdades
Do velho ao novo a mesma espiral
Cada qual com suas dificuldades
Qual será a força do astral?

Estava a concentrar energia
A luta do propósito a se revelar
Não há que se perder a magia
Pelo que destrói o gostar

Autores querem apenas sua própria razão
Mas quem há de erguer a construção?
São tantas as variáveis, será o início das ilusões?
Que pena, ao final, conflito das paixões

Antes de nascermos tudo estava posto
O descobridor andava perdido pela sombra
Começa a descobrir e ilumina seu rosto
Agora quer se ver longe daquilo que assombra

O progresso não é linear
O que fazer se quero continuar?
Não posso perder o impulso da largada
Quero logo começar minha jornada

Imaginação meticulosa e voraz
Não pode desviar o meu caminhar

[1] Discente no curso de Pós-graduação em Inteligência Artificial Aplicada: Modelagem, Algoritmos e Inovação do Centro Universitário de Mineiros - Unifimes. Servidor Público na Unifimes e Advogado. E-mail: nellio@unifimes.edu.br

A inquietude em mim nascente é tenaz

Investigar a arte de saborear,
Toma este vento e leva para longe
Quero mais que respirar

O olhar dos antepassados a desbravar
Talvez eu preveja o futuro
Mas quero mais que vislumbrar

AQUELA RUA QUE ERA MINHA

Alba Cristina Pereira da Silva[1]

Quando eu era criança, eu não era gente,
era moleca mesmo, joelhos ralados e pés no chão,
cara de traquinas infinitas e olhos arteiros,
no fim do dia tinha bronca, castigo ou safanão.

Eu brincava na rua de casa e era bom demais...
Porque da porta para fora de casa existia um mundo inteiro,
era uma época de paz, vinda das nossas fantasias irreais.
Uma brincadeira todo dia, e nos nossos pais um sorriso ligeiro

A rua não era só rua, nela a gente montava um universo,
era tudo que eu precisava, até um palco eu a vi ser.
Os pais cansados assistiam das portas das suas casas,
prestigiando as brincadeiras, mas sobretudo, assistindo a gente crescer

Os colegas, eram mais que amigos, eram arquitetos de fantasias,
engenheiros da imaginação, mestres em adaptar as alegrias,
Imagina a criançada que era, todos querendo um pedaço de brincadeira.
Todos diferentes, querendo a mesma coisa, risada verdadeira.

Tinha que caber todo mundo.
Se tinha criança pequena,
a gente abaixava o mundo.
Se tinha criança grande,
a gente aumentava a aventura.

[1] Acadêmica do curso de Direito (alba@unifimes.edu.br)

E o riso vinha, de todo jeito, de qualquer jeito, sem perceber.
E o pôr do sol, sempre lindo, às vezes a gente parava para se maravilhar.
E até hoje não sei se era a gente que admirava ele ser
Ou se era ele que assistia a gente, modestas crianças a brincar.

De repente, dava a hora… as vozes das mães ecoavam
como um chamado sagrado: “Vem banhá, menina!”
E a gente ia… pura terra dos pés à cabeça e a alma limpinha.
Mas sempre: ...ah não mãe! só mais um pouquinho, por favor

Aquela rua, onde tanto brinquei, onde tanto me ralei,
Onde a estrada era de cascalho, depois virou asfalto,
que os joelhos marcados sabem de cor a história,
Era o melhor local da minha infância de fato

Lembro como se fosse ontem,
então levanto os olhos e vejo
um mundo tão diferente.
Não... não foi ontem.

Eu era tão absurdamente feliz, naquilo que meus olhos viam,
A vida tinha outro cheiro, e tudo era mais gostoso
E os problemas? eu nem sabia que existiam.
os adultos eram grandes, e tudo era majestoso

Hoje eu volto naquela rua que era minha, e ela encolheu.
As casas parecem menores, o caminho mais curto,
Ou talvez, quem tenha crescido demais fui eu.
Só o pé de manga tá grande, cresceu um absurdo.

Mas agora que sou gente grande
e meu mundo tem dia que é pequeno.
Tenho que ralar muito e os problemas são gigantes
Mas não paro de tentar conquistar um novo mundo imenso

Os amigos com quem brincava e ria todo dia
Eu vejo na fila do banco, na farmácia ou na mercearia
E é só um oi ou um bom dia,
não tem mais aquela alegria

Aqueles momentos se perderam no tempo que caminha,
Mas guardei todas as cenas e lembro de todos nossos passos
Dos dias que me fizeram tão feliz naquela rua que era minha
das crianças que fomos em risos, cores e brincadeiras de pés descalços

Já sou adulta feita,
Tô no ritmo do novo mundo,
onde o conhecimento se movimenta,
E o saber é cada dia mais profundo

Mas acho que desaprendi de brincar,
Sinceramente, a criança daquela rua eu quero ser
Vou aprender de novo e me aproximar
Por que de toda minha vida
essa foi a fase em que mais eu soube viver.

ENTRE O CÃO DA RUA, A ÁRVORE DA PRAÇA E O HOSPITAL CHEIO: QUANDO A SAÚDE É UMA SÓ

Eric Mateus Nascimento de Paula[1]

Era uma manhã comum em qualquer cidade brasileira. Um cachorro atravessava a rua com pressa, desviando de motos e ônibus. No outro lado da avenida, uma senhora varria a calçada enquanto reclamava do lixo acumulado na esquina. Um pouco mais adiante, na unidade básica de saúde, a sala de espera estava cheia: febre, tosse, diarreia, um menino com uma picada inflamada no braço, um trabalhador rural com suspeita de leptospirose. Nada disso parecia conectado. Mas estava.

A vida urbana, com sua rotina aparentemente fragmentada, insiste em nos convencer de que cada problema pertence a uma caixinha diferente: a doença é assunto do hospital, o animal é assunto da veterinária, o rio poluído é problema do meio ambiente. Cada setor com seu prédio, seu orçamento, seu relatório, seu carimbo. E assim seguimos, como se o mundo fosse organizado em gavetas. Só que o mundo não funciona assim.

Nos últimos anos, cientistas e gestores públicos têm repetido uma expressão que, apesar de simples, carrega uma revolução silenciosa: Saúde Única. Também são usados os termos *One Health* e Uma Só Saúde. O conceito parte de algo quase óbvio: a saúde humana, animal, vegetal e ambiental está profundamente interligada. Ainda assim, essa evidência demorou séculos para se transformar em política pública.

Basta olhar para os números que o próprio Brasil conhece bem. Estima-se que cerca de 60% das doenças infecciosas humanas tenham origem em animais, e aproximadamente 75% das doenças emergentes sejam zoonóticas. Foi assim com a gripe aviária, com a febre amarela silvestre, com a raiva, com o Ebola e, muito provavelmente, com a própria covid-19. Em um planeta que urbaniza florestas, amplia fronteiras agrícolas, transporta pessoas e alimentos em escala global e altera o clima, a pergunta deixou de ser "se" surgirá uma nova doença. A pergunta agora é "quando".

O Brasil conhece bem esse risco. Somos um país continental, com seis grandes biomas altamente biodiversos, dois bilhões de animais de produção e uma das maiores cadeias agroalimentares do planeta. Nosso território reúne Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal, Caatinga e Pampa; verdadeiros laboratórios naturais onde vírus, bactérias, parasitas e

[1] Docente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES. E-mail: ericmateus@unifimes.edu.br

hospedeiros convivem em equilíbrio delicado. Quando esse equilíbrio se rompe, as consequências atravessam fronteiras.

Por isso, em 2024, o governo brasileiro instituiu o Comitê Técnico Interinstitucional de Uma Só Saúde, responsável por elaborar o Plano de Ação Nacional de Uma Só Saúde, estruturado em sete eixos estratégicos e 92 macroações. O plano busca reduzir riscos de epidemias, enfrentar a resistência antimicrobiana, fortalecer a segurança dos alimentos, prevenir zoonoses e integrar políticas ambientais. O documento é ambicioso. Mas existe um detalhe curioso e profundamente brasileiro. Muitas vezes sabemos exatamente o que fazer, mas ainda não sabemos onde colocar isso dentro da máquina pública. E é aí que a história volta para aquela rua comum da cidade.

Enquanto o plano nacional discute diretrizes, muitos municípios ainda enfrentam dificuldades básicas para articular seus próprios setores. A vigilância epidemiológica conversa pouco com a vigilância ambiental. O serviço de zoonoses, quando existe, trabalha isolado. A agricultura municipal raramente participa das discussões sanitárias. O hospital atende os casos, mas raramente sabe o que acontece com o ambiente onde o paciente vive. O resultado é uma gestão fragmentada daquilo que, na prática, é inseparável.

Foi justamente para enfrentar essa fragmentação que um estado brasileiro decidiu fazer algo simples e, ao mesmo tempo, revolucionário. No Mato Grosso do Sul, a Secretaria de Estado de Saúde criou uma Coordenadoria de Saúde Única, responsável por integrar dados e ações envolvendo saúde humana, animal e ambiental. A iniciativa, considerada pioneira no país, desenvolve painéis de vigilância integrados (como os utilizados no monitoramento da brucelose) e coordena projetos em regiões sensíveis, como o Pantanal. Entre suas ações estão programas de sustentabilidade hospitalar, gestão de resíduos, vigilância em áreas de alta biodiversidade e apoio técnico para que municípios criem suas próprias coordenadorias. E os municípios começaram a seguir o exemplo.

A cidade de Costa Rica, por exemplo, tornou-se o primeiro município do estado a instituir oficialmente uma Coordenadoria Municipal de Saúde Única. A decisão partiu de uma constatação simples: integrar setores melhora a comunicação, acelera respostas sanitárias e permite decisões mais inteligentes. Não se trata apenas de reorganizar organogramas. Trata-se de mudar a forma como pensamos a saúde.

Imagine, por exemplo, um sistema em que dados sobre surtos em animais, qualidade da água, notificações hospitalares e monitoramento ambiental estejam conectados em tempo real. Imagine equipes compostas por médicos, médicos veterinários, biólogos, agrônomos, sanitaristas e gestores públicos discutindo juntos estratégias de prevenção. Imagine que, antes

de um surto se espalhar, alguém já tenha percebido o sinal. Isso não é ficção científica. É gestão pública baseada em evidências.

A fragmentação entre áreas do conhecimento dificulta a vigilância de doenças transmissíveis e a gestão de riscos ambientais. A ciência, cada vez mais, exige interdisciplinaridade. É preciso trabalhar fora das caixinhas. Talvez seja exatamente esse o maior desafio.

Porque, no Brasil, as caixinhas são confortáveis. Cada secretaria tem sua estrutura, seus protocolos, seus limites administrativos. A lógica institucional foi construída ao longo de décadas para funcionar de forma setorial. Alterar essa lógica exige mais do que boa vontade, exige liderança política, planejamento e cooperação entre diferentes níveis de governo.

É por isso que a criação de Coordenadorias ou Departamentos de Saúde Única dentro das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde pode representar um divisor de águas na gestão sanitária brasileira. Essas estruturas funcionariam como pontes institucionais. Pontes entre saúde humana e veterinária. Pontes entre vigilância epidemiológica e ambiental. Pontes entre municípios, estados e governo federal. Pontes entre ciência, gestão pública e sociedade. E pontes são importantes porque permitem atravessar territórios complexos.

O Brasil vive exatamente nesse tipo de território. Somos ao mesmo tempo potência agropecuária, guardiões de uma das maiores biodiversidades do planeta e um país em rápida urbanização. Em muitas cidades, o urbano e o rural praticamente se encostam. Animais domésticos, fauna silvestre e seres humanos compartilham o mesmo espaço. Quando isso acontece, as fronteiras sanitárias desaparecem.

Uma febre que começa em um animal silvestre pode atravessar um rebanho, chegar a um trabalhador rural, entrar em um hospital e, semanas depois, aparecer em uma grande capital. A história das doenças infecciosas está cheia desses caminhos invisíveis. A diferença entre uma tragédia sanitária e um problema controlado costuma depender de uma única coisa: coordenação. E coordenação não nasce espontaneamente. Ela precisa de estrutura, equipe, orçamento, autoridade administrativa e canais formais de comunicação.

Por isso, a institucionalização da Saúde Única dentro das secretarias de saúde não é apenas uma inovação administrativa. É uma estratégia de segurança sanitária. Ela permite planejar melhor, prevenir mais e reagir mais rápido. Permite que médicos conversem com médicos veterinários, que epidemiologistas dialoguem com ambientalistas, que gestores entendam que saúde pública não termina na porta do hospital.

Porque, no fundo, a saúde começa muito antes disso. Começa na água do rio. Na qualidade do solo. Na sanidade dos animais. Na forma como produzimos alimento. Na maneira como ocupamos o território.

Voltemos, então, àquela manhã comum na cidade. O cachorro atravessa a rua. A senhora continua varrendo a calçada. A sala de espera do posto de saúde ainda está cheia. Mas agora imaginemos algo diferente. Em algum lugar da secretaria municipal existe uma equipe olhando dados que conectam aquele cachorro, aquele rio e aqueles pacientes. Existe um sistema que monitora zoonoses, qualidade ambiental e indicadores de saúde humana. Existe diálogo entre setores que antes trabalhavam separados. Existe, finalmente, uma visão integrada. Talvez a senhora da calçada nunca saiba que isso existe. Talvez o cachorro continue atravessando a rua todos os dias. Talvez o posto de saúde ainda tenha filas. Mas, silenciosamente, a cidade estará mais preparada. Mais preparada para prevenir surtos. Mais preparada para proteger seus animais. Mais preparada para cuidar do ambiente. E, sobretudo, mais preparada para cuidar das pessoas.

Porque, no final das contas, Saúde Única não é apenas um conceito técnico. É uma forma de lembrar algo que sempre esteve diante de nós. Que a saúde do planeta, dos animais e das pessoas é, na verdade, a mesma história sendo contada de formas diferentes. E que talvez esteja na hora de organizarmos nossas secretarias, e nossas ideias, para escutá-la melhor.

A REDE E A VENDA

Perla de Campos Mendonça[1]

No templo frio onde a lei deveria reinar,
há quem erga a voz não pelo direito — mas pelo altar
do nome, do poder, do capital,
defendendo a pessoa, o erro, o sinal

do prestígio que paga, do cliente que importa,
enquanto o direito fica do lado de fora da porta.

Um pescador que ama mais a rede que o mar —
assim o operador que aprendeu a negociar
não com a justiça, mas com quem a pode comprar,
tecendo argumentos que o direito vêm distorcer
para que o culpado ilustre possa se manter
intocado, acima, além do alcance da lei —
enquanto o simples, o pobre, o réu sem verniz,
afunda nos autos sem que ninguém o ouviu.

A rede, aqui, não pesca verdade nem razão —
pesca o contrato, o honorário, a proteção
do poderoso que nunca deveria ser protegido
pelo direito — mas pelo direito foi traído.

Porque quando o advogado defende o erro com maestria,
quando defende a pessoa e esquece a harmonia
do que é justo, do que é certo, do que é real,
ele não exerce o direito — ele o faz sangrar.

---

[1] Docente do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES. Nota de uso de inteligência artificial: Este poema foi produzido com auxílio do modelo de linguagem Claude (Anthropic, 2026). A concepção temática, as referências literárias — incluindo a obra de Osvaldo Montenegro —, a proposta crítica e os direcionamentos criativos partiram exclusivamente da autora, que assume integral responsabilidade pelo conteúdo.

E a Justiça, vendada em sua estátua fria,
foi concebida assim para que um dia
nenhum rosto influísse na balança —
nem o rico, nem o pobre, nem a esperança

do poder que sorri nos corredores do fórum,
cumprimentando togados com o mesmo decorum
de quem sabe que a venda pode ser ajustada,
que a balança pode ser, sutilmente, inclinada.

Mas o que deveria ser cegueira justa
tornou-se, às vezes, cegueira que se ajusta
ao lado de quem tem mais a oferecer —
e o direito, o mar imenso, vem morrer

na praia rasa de um parecer comprado,
de um habeas corpus para o bem-relacionado,
de uma tese brilhante erguida não pela verdade,
mas pelo sobrenome, pelo cargo, pela vaidade.

O mar não tem dono — essa é sua grandeza,
o direito não tem rosto — essa é sua nobreza.
Mas quando a rede escolhe onde e para quem pescar,
o mar deixa de ser livre — e o direito, de ser mar.

Que injustiça mais cruel, a que veste toga,
a que cita Kelsen enquanto o pobre se afoga,
a que ergue a Constituição como escudo e bandeira
mas a dobra com cuidado para a carteira.

O erro defendido com arte e eloquência
não deixa de ser erro — perde apenas a aparência.
E a pessoa defendida acima do que é certo

deixa o direito nu, abandonado, descoberto.

Porque o direito é o mar — vasto, de todos, profundo,
e não deve curvar-se a nenhum mundo
de privilégios costurados em rede fina,
onde a justiça serve a quem a ilumina

com o brilho do ouro, com o peso do status —
enquanto os demais ficam no hiatus
entre o que a lei promete em seu texto frio
e o que de fato escorre neste rio.

Que o operador do direito se pergunte, enfim:
Estou defendendo o direito — ou estou defendendo a quem?
Porque se a resposta hesita, se a consciência range,
é o mar que está morrendo — enquanto a rede se expande.

ANTES DO RÓTULO, EXISTIA UMA CRIANÇA

Daniela Feoli Machado[1]
Gabriela dos Reis Silva[2]

Antes da nota baixa no boletim,
antes do rótulo que vinha assim,
existia uma criança tentando aprender,
lutando em silêncio para não se perder.

Brian não era só agitação,
era um turbilhão dentro do coração.
Enquanto o mundo pedia atenção,
seu corpo corria sem permissão.

Chamavam de falta de educação,
mas era dificuldade de autorregulação.
Aisha se sentava quieta no seu lugar,
tentando as letras organizar.

Inteligente, mas com medo de ler,
com receio constante de errar e sofrer.
No silêncio escondia a dor
de não transformar símbolo em valor.

Frank preferiu não se importar,
era mais fácil do que se explicar.
Se eu disser que não quero aprender,
ninguém vai notar que não sei entender.

Vestiu rebeldia como proteção,

[1] Acadêmica do curso de pedagogia; danielafeolidl10@gmail.com
[2] Acadêmica do curso de pedagogia; gabrieladosreissilva6@gmail.com;

para esconder sua frustração.
Joel brilhava no esporte, na ação,
mas sofria diante do papel e do lápis na mão.

Pensava rápido, sabia a lição,
mas sua escrita negava expressão.
Chamavam de falta de capricho e atenção,
mas era luta na coordenação.

Cassandra repetia para não esquecer,
tentava, insistia, queria vencer.
Mas a memória falhava sem avisar,
e o erro voltava a lhe acompanhar.

Entre risos alheios e olhar de reprovação,
quase perdeu a própria confiança e motivação.
Não era preguiça, não era querer pouco,
era um cérebro aprendendo em outro foco.

Não era desleixo ou desinteresse,
era esforço que ninguém percebe.
Dificuldade não é incapacidade,
é aprender em outra velocidade.

É precisar de tempo, apoio e cuidado,
não de julgamento apressado.
Talvez o desafio maior esteja em nós,
em ouvir com o coração e dar voz.

Porque toda criança pode aprender,
se alguém decidir realmente compreender.

E se hoje escrevo com mais compreensão,
é porque encontrei luz na reflexão.

Inspirado na obra que ensina a enxergar,
Dificuldades de Aprendizagem de A a Z a nos orientar.
Corine Smith e Lisa Strick vêm nos lembrar:
antes de julgar, é preciso escutar.

O CHORO

Vitória Alves Duarte[1]

Em um dia corriqueiro, comum para todos, nasce uma criança em um hospital onde quase todas as crianças do mundo já haviam nascido, sua mãe preocupada com o futuro e ao mesmo tempo cheia de planos para ele, -será que meu filho vai ser médio, bombeiro ou advogado? Ela pensava.

O bebê por sua vez, sem entender o que estava acontecendo, ao fazer o que seus pulmões se preparam por meses para fazer, chora, o ar arde, a sala é fria, luzes para todo lado, rapidamente posicionam ela junto a mulher que o carregou por nove meses e ele ouve sua voz que soa familiar.

-Meu filho lindo! Sua mamãe está aqui!

Em seguida os separam, vão cuidar da mãe e apresentar o mundo ao filho. Mundo esse que parece ser cruel, longe da única pessoa que ele reconhece a voz, tudo parece desconhecido.

Os primeiros dias de adaptação são estranhos, os seus braços parecem muito soltos, ele sente dores, fome, sono... e sem saber o que fazer, ele chora como se o mundo fosse acabar, mas para ele é o fim do mundo, porque o mundo que ele conhecia não é mais sua casa, sua mãe passa a ser uma extensão dele e cada minuto longe dela é uma eternidade e mais uma vez ele chora.

A cada mês que passa ele vai aprendendo algo novo, aprende a rolar, a sentar, a dormir, descobre novos sabores, sente seus primeiros dentinhos, engatinha, passeia em lugares bonitos, sorri, balbucia, aponta e fala, chama a mamãe, o papai, a vovó e todo mundo bate palmas e comemora suas primeiras paravas.

Ainda sendo um bebê, começa a se equilibrar, cai, chora, levanta-se e tenta outra vez, começa a dar os seus primeiros passos, uma hora ou outra cai, chora e tenta de novo. De repente, andar não é mais o suficiente, ele agora corre, cai aqui, cai ali, chora, fica com medo, mas não desiste, seu coração se enche de esperança, ele se recupera e tenta novamente.

A cada novo dia uma experiência diferente, algumas se tornam vivência e outras são esquecidas com o tempo, ele começa a entender que ele é um ser pensante e começam as indagações:

-Por que meu pai não mora aqui?

[1] Discente do curso de pedagogia vitoriaalves200@gmail.com

-Por que minha mãe grita?

-Por que essa bebê feia tem que morar nessa casa?

São perguntas que ele se faz, mas ninguém o está observando para responder, desde que sua mãe teve outra filha, a vida dele mudou, ninguém o aplaude mais, nem rir das suas gracinhas, todos só tem olhos para a bebê, que por sua vez chora sem parar.

Ele vai crescendo, se desenvolvendo, começa a frequentar a escola e não entende por que que sua professora o obriga a escrever com a mão direita, ele chora, pois estava acostumado a segurar o lápis com a esquerda.

-Não chora! Estou fazendo isso para o seu bem!

Para o meu bem? Ele apenas pensa, pois pela expressão da professora ela não quer conversa.

Chegando em casa, sua mãe prepara seu almoço, nesse dia é algo que ele não gosta, ele chora e diz não gostar daquilo.

-Para de chorar menino, seja grato, tem crianças que nem tem o que comer!

-Mas mãe, eu não gosto disso. Ele diz com a voz embargada.

-Você tem que comer, é para o seu bem.

Os anos vão passando e ele aprendeu a escrever com a mão não dominante e a comer o que não gosta, já aprendeu andar de bicicleta e ir para a escola sozinho, mas dentro dele, ele se questionava:

-Por que meu pai não está aqui?

-Será que ele não gosta de mim?

-Será que tudo que é para o meu bem, é ruim?

Essas perguntas ele não tinha coragem de fazer a sua mãe, ele via que para ela já era muito difícil viver sendo mãe solo, ele chorava baixinho e tentava não incomodar ninguém. Sua irmã era o oposto, estava sempre chorando, brigando com todo mundo e questionando, ele percebeu que não havia espaço para seu choro, percebeu que suas dores, eram somente suas.

Todos diziam: “que menino bonzinho, não chora, é comportado, não reclama”. Aquilo passou a ser sua verdade, ele entendeu que para ser aceito tinha que ser pacífico e quieto, a cada dia ele chorava menos.

Veio a puberdade, juntamente com as mudanças de humor, mas junto dela veio uma certeza: chorar é para os fracos. Começou a fazer coisas joviais, namorar, tocar violão, sair com os amigos, na falta de seu pai ele tentava preencher esse vazio com o cotidiano da vida.

Ao decorrer da passagem do tempo, junto com a maturidade, a faculdade e os fios precoces de cabelo branco, veio também o peso do mundo, esse peso não era novidade, pois ele

sentia isso desde que se entendia por gente, aquele medo, choro engasgado, necessidade de ser bom para ser aprovado, mas dessa vez estava pior, era como se o peso do mundo inteiro estivesse dentro do seu peito, numa tentativa desesperada para tentar aliviar seu sofrimento, ele pensou em tirar a própria vida, mas aquele não era ele. Ele lembrou do sorriso de sua mãe, do seu colo e ensinamentos, ao se deparar com a realidade do que estava prestes a fazer ele caiu em um choro profundo, chorou, chorou e chorou copiosamente por horas, como se o choro que estivesse acumulado por toda a vida estivesse saindo agora.

Após se permitir chorar, ele se sentiu como criança novamente, aquele velho sentimento de esperança tomou conta do seu ser e ele se sentiu motivado a recomeçar, resolveu procurar apoio psicológico, começou uma atividade física, entrou em contato com a natureza e se reconectou com sua fé.

Ele enfim pode entender que nascemos chorando e o choro faz parte da vida, assim como falar, comer, andar e dormir, o choro e a comunicação são recursos que o ser humano encontra para conseguir sobreviver. Ele entendeu que tem voz, pode discordar do que não o agrada e começou a fazer o que realmente fazia bem para o seu corpo e sua alma. para ser forte, ele não precisava reprimir os sentimentos, mas ter sentimentos e expressá-los é o que o tornava humano e inteiro.

O LOBO NÃO ERA O PROBLEMA

Isabelly Lopes Melo[1]

Eu tenho que achar um lugar para esconder minhas dúvidas. Não digo sobre a aula de matemática ou de ciências — até porque talvez eu nem entenderia. Falo das perguntas que ninguém me responde, aquelas que só recebem como resposta: "porque sim" ou "porque a história é assim".

As aulas de leitura são as que mais me deixam cheia de indagações. E eu não entendo por que os outros não se sentem assim também.

Nesta quinta-feira, como em todas as outras, lemos uma história. A da vez foi *Os Três Porquinhos*. Mas que historinha mal contada.

Para começar: os pais. Onde estavam os pais naquele momento? Por que eles estavam sozinhos? Eu não tive meus pais por um tempo, então é de se imaginar o medo que eles sentiram. O frio. A decepção. A quebra de confiança.

Na minha opinião, eu faria de tudo para manter meus irmãos perto de mim. Então por que eles fizeram diferente? Por que cada um seguiu seu próprio rumo? Eles brigaram?

Eu não concordo com isso.

E quando pergunto para a minha professora, ela se assusta e volta sempre às mesmas respostas:

— Porque a história é assim.

Mas por que a história é assim?

Por que minhas dúvidas atrapalham a aula?

Por que os outros não se preocupam com isso?

Talvez o problema não fosse a história.

Talvez o problema fosse que ninguém queria escutar as perguntas.

Foi por isso que eu decidi guardar todas elas.

Se ninguém queria responder, eu mesma iria descobrir.

Então, pela primeira vez, escrevi minha dúvida:

"Onde estão os pais dos três porquinhos que nem sei o nome?"

[1] Acadêmica do curso de pedagogia do 3° período – UNIFIMES 202510308@fimes.edu.br

Naquele momento, tudo o que eu sentia era sono — e uma vontade enorme de continuar escrevendo. Pisquei os olhos por um instante e, quando os abri, eu estava em pé. Descalça. Em uma grama macia.

Sentia o cheiro de limão — daqueles bem fresquinhos. No último dia em que pude ter meu pai ao meu lado, ele me contou o nome daquele limão: siciliano… ou Cristiano, não me lembro. Mas o cheiro — ah, o cheiro — era exatamente o mesmo.

Ao fundo do caminho, avistei três casinhas.

Eu não estava mais em casa.

Caminhei devagar até elas. A de palha tremia com o vento, como se estivesse sempre prestes a cair. A de madeira tinha marcas profundas nas paredes, como arranhões antigos. A de tijolos parecia forte, mas suas janelas estavam escuras — como buracos onde antes deveria existir luz.

Ouvi passos leves atrás de mim.

— Você não deveria estar aqui — disse uma voz fina.

Virei-me rapidamente. Um porquinho me observava. Seus olhos não tinham o brilho alegre das histórias que eu conhecia. Pareciam cansados.

— Eu só queria fazer uma pergunta — respondi.

Ele inclinou a cabeça.

— Sobre nossos pais?

Meu coração acelerou.

— Como você sabe?

O porquinho soltou um riso baixo, quase triste.

— Porque todo mundo pergunta isso quando chega aqui.

— Então… onde eles estão?

O porquinho olhou para as três casas e depois para a estrada de terra.

— Eles nos deixaram aqui — disse.

— Disseram que já éramos grandes o suficiente para cuidar de nós mesmos.

— Mas vocês eram pequenos… — murmurei.

— É — respondeu ele. — Pequenos demais para entender por que ninguém voltou.

— Então por que contam que vocês decidiram construir as casas? — perguntei.

O porquinho deu de ombros.

— Porque essa versão é mais bonita. E mais fácil de contar para as crianças.

Nesse momento, outro porquinho apareceu atrás da casa de madeira.

— A verdade assusta — disse ele.

— Mas histórias são feitas para ensinar coisas boas — respondi, quase repetindo o que minha professora diria.

O segundo porquinho me olhou por um tempo, como se estivesse decidindo se valia a pena responder.

— Às vezes — disse, por fim — as histórias só tentam esconder coisas ruins.

O vento soprou mais forte naquele momento, fazendo a palha da primeira casa voar.

Por um instante, tive a impressão de que algo ali dentro também se desfazia — como se já não houvesse ninguém para segurar as paredes de pé.

Nenhum som veio de dentro.

Só o vento.

— O lobo veio depois — disse o primeiro porquinho.

— Quando já estávamos sozinhos.

— Espera… — falei, tentando entender. — Então a parte do lobo é verdadeira?

Os dois se entreolharam.

— O lobo é a parte menos assustadora da história — respondeu o segundo.

Um silêncio pesado caiu sobre nós.

Pela primeira vez, pensei que talvez eu não quisesse saber de todas as respostas.

— Você veio porque perguntou demais — disse o primeiro porquinho.

— O que quer dizer?

— Toda vez que uma criança faz perguntas que ninguém quer responder… ela acaba encontrando o caminho até aqui.

— Aqui onde?

O porquinho apontou para a floresta.

Entre as árvores, outras pequenas trilhas apareciam.

Em uma delas, vi uma menina segurando um sapatinho de cristal.

Em outra, dois irmãos caminhavam deixando migalhas pelo caminho.

Histórias que eu conhecia.

Histórias que talvez também não tivessem sido contadas direito.

Talvez as histórias não fossem mentiras.

Talvez só estivessem incompletas.

E talvez fosse por isso que os adultos não gostassem tanto de perguntas.

Porque algumas respostas fazem as histórias parecerem muito menos bonitas…

…e muito mais verdadeiras.

E, às vezes,

verdadeiras demais para terem sobrevivido na história.

SOMBRAS DE UM PASSADO

Williany Tainá Da Silva Francisco[1]
Wedja Taisa Da Silva Francisco[2]
Kelly Cristina Silva Barros[3]

Em um quarto pequeno e aconchegante, encontrava-se Rebeca, deitada sobre a cama de casal. A luz fraca que entrava pela janela mal iluminava seu rosto, mas era suficiente para revelar o vazio em seu olhar. Havia algo ali que não cabia em palavras — uma dor silenciosa, antiga, que ela carregava sem nunca explicar. Naquela noite, porém, seus pensamentos insistiam em voltar para alguém que mal chegou a conhecer, mas que, de alguma forma, parecia fazer falta todos os dias.

O silêncio no quarto era tanto que Rebeca se assustava toda vezes que ouvia os trovões e raios caindo do lado de fora do quarto. Após tantos trovões Rebeca que é uma adolescente de uma estatura média (1,55 cm), cabelo iluminado cacheado bem definido e olhos claros, fechou os olhou e tentou por um instante esquecer tudo o que estava sentido, porém foi em vão. A tristeza era tanta que ela só conseguia pensar como seria a vida se ela não tivesse sido afastada desse alguém que ela tanto sente falta, se algum dia ela conseguiria se conectar com essa pessoa e em algum momento da vida eles conseguiriam viver unidos como uma grande família dos contos de fadas.

Durante o dia Rebeca levava uma vida aparentemente comum. Acordava, se arrumava e ia para à escola com sua irmã mais nova. Depois da aula chegava em casa, esquentava o almoço, e as duas sentavam em frente à TV para fazer a refeição. A tarde ela organizava a casa junto com sua irmã, fazia suas atividades da escola, esperava seus pais chegarem do trabalho para enfim ir para cama dormir. E mesmo sendo a irmã do meio Rebeca sempre carregava o peso de ser a irmã mais velha, carregava com ela toda a responsabilidade e as expectativas jogadas sobre ela. Rebeca sempre guardava consigo perguntas que nunca encontrava respostas, especialmente sobre aquele irmão caçula.

[1] Williany Tainá Da Silva Francisco, estudante do 7° período do curso de Pedagogia Centro Universitário Unifimes. 202320370@fimes.edu.br
[2] Wedja Taisa da Silva Francisco, acadêmica do 1º período de ciências contábeis Centro Universitário Unifimes. Wedjataisas@academico.unifimes.edu.br
[3] Kelly Cristina Silva Barros, estudante do 7° período do curso de pedagogia no centro Universitário Unifimes. Kellycristinasilvabarros107@gmail.com

Na escola era conhecida como a rainha do silencio pois era uma menina quieta e de poucos amigos, estava sempre em um canto sozinha. Ela até tentava se enturmar, porém não conseguia, pois tinha consigo um sentimento de invisibilidade. Não se sentia acolhida pelas pessoas e nem que pertencia a algum grupo, por esse motivo sempre se mantinha afastada dos Colegas da escola. No entanto, na escola, Rebeca tinha uma professora em que elas eram muito amigas.

Alzira Dalva é uma professora de apoio dentro da sala onde a menina estuda, ela muito bonita, tem cabelos longos e castanhos, olhos claros e uma cor de pele radiante ela é elegante, simpática, educada e muito amorosa. Durante os intervalos de aula, Rebeca sempre se aproximava da professora para conversar e mexer em seu cabelo. Com Alzira Dalva, Rebeca falar sobre tudo sobre sua vida familiar, escolar, medos, inseguranças, angustias, sonhos e conquistas. Dalva realmente era sua melhor amiga, sua confidente. Rebeca sempre se sentia acolhida, amada e vista pela professora, por isso conseguia se abrir tanto com ela.

Em uma manhã de quinta-feira, Rebeca saiu para à escola como de costume, porém, nesse dia ela estava cabisbaixa. Na sala, ela se sentou em sua carteira e passou a maio parte do tempo de cabeça baixa. A sala estava muito agitada, foi difícil para a professora de apoio perceber o comportamento diferente de Rebeca. No intervalo do recreio Alzira Dalva se aproximou de Rebeca, abaixou para ficar mais próxima dela e então perguntou.

— Rebeca minha florzinha o que está acontecendo que você está tão para baixo hoje?

Rebeca levantou-se da cadeira e pediu para que Dalva se sentasse na cadeira para que ela pudesse mexer no seu cabelo e então falar o que estava acontecendo. Assim ela fez, se sentou na cadeira, por fim Rebeca finalmente respondeu.

— Dalva, hoje eu acordei me sentindo muito triste lembrando da história da minha família.

Mexendo distraidamente no cabelo da mulher, Rebeca ficou em silêncio por alguns segundos. Seu olhar se perdeu, como se estivesse distante dali.

— Eu me lembrei de uma coisa agora... — disse em voz baixa.

Ela respirou fundo antes de continuar.

— A gente era feliz, eu, minha mãe, meu pai e meus irmãos. A casa era pequena, mas, tão aconchegante.

Ela engoliu seco antes de continuar sua fala.

— Mas, teve um dia que tudo mudou… parecia que uma nuvem escura tinha tomado conta de tudo.

Rebeca abaixou o olhar, visivelmente abalada.

— Eu lembro que fiquei com tanto medo e perguntei pra minha mãe: “Mamãe, o que está acontecendo?”

Sua voz falhou por um instante.

— E ela disse… “Rebeca, minha filha, seu pai está indo embora de casa.”

Rebeca respirou fundo, tentando conter suas emoções.

— Eu chorei tanto naquele dia… chorei como se o mundo fosse acabar ali mesmo.

Ela ficou em silêncio por alguns segundos antes de completar:

— Mas, mesmo assim… eu tive que continuar. Fiquei com a minha mãe e segui a vida.

A professora observava com muita cautela cada palavra dita por Rebeca.

Rebeca então continuou a falar:

— Dalva dois anos depois meu pai voltou para casa, com um bebê no colo dizendo ser seu filho... Foi um momento tão difícil de entender o que estava acontecendo e para minha mãe foi doloroso ter que ver aquela cena.

— Para mim que ainda era uma criança, foi um momento muito feliz. Eu estava feliz pela volta do meu pai, mais feliz ainda pela chegada do bebê, que eu descobri mais tarde que era o meu novo irmão.

Sem falar nada Alzira Dalva continuou ouvindo Rebeca.

— Depois de seis meses que meu pai voltou para casa, minha mãe o aceitou de volta e aceitou também o bebê. Só que ela falou para ele “Antônio eu te aceito de volta, com a condição que iremos embora para outro lugar, para reestruturar nossa família”.

Respirando fundo Rebeca continuou falando.

— A princípio meu pai recusou a proposta da minha mãe, mas, depois de pensar com calma ele acabou aceitando e foi assim que viemos parar aqui.

— Só que o problema — disse Joana, com a voz falhando — é que a mãe do meu irmão não deixou ele vir com a gente. Causando nosso afastamento, e é por isso que hoje eu sinto tanta falta dele.

Ela respirou fundo, tentando organizar os próprios sentimentos.

— Todos os dias eu me pergunto como seria a vida se a gente não tivesse se afastado — ainda estava mexendo no cabelo de Dalva. — E dias como o de hoje me deixam muito mal, porque parece que a dor da saudade vem com mais força.

Rebeca levou a mão ao rosto, visivelmente abalada.

— Eu fico inconsolável… não sei o que sentir, o que pensar… — sua voz saiu quase em um sussurro. — Mas, ao mesmo tempo, sinto tanta saudade dele, saudade de algo que a gente nunca chegou a viver.

Depois de ouvir tudo o que Rebeca falou, Dalva se aproximou um pouco mais e segurou suas mãos com delicadeza.

— Rebeca — disse com a voz calma — o que você sente é muito verdadeiro. Essa saudade que você carrega não é só de alguém, é também de tudo o que poderia ter sido.

Ela fez uma pausa, como se escolhesse bem as palavras.

— E isso dói mesmo. Dói porque você o ama, mesmo sem ter compartilhado a vida com ele. Dói porque ficou um espaço vazio aí dentro de você.

Dalva apertou levemente as mãos de Joana.

— Mas você não está errada por sentir isso, nem precisa esconder essa dor. Às vezes, nós não temos respostas pra certas coisas que acontecem em nossas vida, mas, podemos aprender e aos poucos descobrir formas de como lidar com os nossos sentimentos

Ela sorriu de forma acolhedora.

— E você não precisa passar por isso sozinha, viu? Eu estou aqui para você, pode sempre contar comigo.

Quando terminou de conversar com Dalva, Rebeca voltou para a sala aula. Dessa vez com o coração mais calmo, acolhido e se sentindo em paz.

Ao encerrar suas atividades, caminhou de volta para casa, durante todo o percurso permaneceu mergulhada em pensamentos sobre aquela conversa.

Foi então que percebeu que a vida nem sempre é fácil, mas que é possível aprender a viver com aquilo que nos acontece. Entendeu que ao se desprender das incertezas e dúvidas, as coisas podem começar a fazer mais sentido.

Pela primeira vez, permitiu-se pensar que, no futuro, talvez pudesse encontrar seu irmão, quem sabe até mesmo esclarecer todas as perguntas que ficaram guardadas no “e se…”.

Mas, agora, sem se sentir presa ao passado — apenas seguindo em frente, com mais leveza.

A MENINA E O QUINTAL SEM MUROS

Leticia Pricilla da Silva[1]

O cheiro da terra molhada exalava antes mesmo de a chuva cair. Os pássaros, em bando, forravam o céu azul, marcando a letra V, e logo sumiam num horizonte incerto.

Joana cresceu em meio a árvores, embora dentro da cidade. Naquela época, a vida era diferente. Joana acabara de completar 10 anos. A rua de sua casa não tinha pavimentação, e ela brincava com seu barquinho de papel, que descia rua abaixo na água da chuva, entre as pedras de cascalho.

O ano era 1997. Naquela época, as casas da rua onde Joana morava não tinham muros; eram separadas por cercas de arame, frágeis o suficiente para lembrar que ali ninguém precisava se esconder de ninguém. Os vizinhos se conheciam pelo nome, pela voz, pelas histórias. Todos se conheciam. Joana brincava com Cristina, Fábio e Renata. Era pique-pega, pique-esconde, queimada e tantas outras brincadeiras.

As tardes pareciam não ter fim.

Quando chegava a noitinha, a mãe de Joana gritava: — Vem para dentro, menina! É hora do banho!

Joana voltava saltitante, com os pés sujos de terra e o rosto misturado com areia e suor. Dizia “até amanhã”. No outro dia, lá estavam todos outra vez, abraçados em um mundo de brincadeiras sem telas, envoltos pela natureza: borboletas coloridas, grilos que saltavam em meio à vegetação seca e as flores bem-me-quer, que davam um show de colorido, enfeitando o quintal de Joana.

Deitada no chão de terra, Joana olhava o céu azul. Em sua imaginação, várias imagens se formavam nas nuvens que se desfaziam como fumaça levada pelo vento. Desfaziam-se, assim como a infância de Joana.

Silenciosa.

Leve.

Sem avisos...

Um dia se dissiparia e sumiria no espaço, deixando ao tempo as lembranças mais lindas e verdadeiras, em um mundo simples e real, dentro de um pequeno lugar chamado quintal sem muros.

[1] Discente do curso de Direito UNIFIMES leticia_pricila2012@hotmail.com

A LENDA DO FLAMBOYANT

Clara Cristina Carrijo de Jesus[1]
Maria Eduarda Rodrigues Roldão[1]
Eli-Sônia da Silva Soares[1]
Geovanna Sousa Gouvea[1]
Luma Sousa Malaquias[1]

Quem passa pela faculdade e vê aquele flamboyant enorme no pátio, talvez pense que ele sempre esteve ali. Mas os mais antigos dizem que aquela árvore guarda uma história terrível.

Há muitos anos, quando naquele lugar ainda funcionava uma pequena escola, cravada no meio do pasto, existia uma professora muito temida pelas crianças. Conta-se que ela era muito brava e acreditava que aluno só aprendia com disciplina dura. Sempre andava com uma grande régua de madeira na mão, que usava como palmatória quando alguém errava ou fazia bagunça.

Os mais antigos revelaram que a professora durona nem sempre foi assim. Em seu tempo de escola os castigos eram comuns como forma de ensino. Disciplina rígida, onde os alunos não questionavam, apenas faziam. Além da palmatória, ainda havia o chapéu cone da vergonha que era colocado sobre aqueles que não liam e nem sabiam a tabuada.

Em uma sabatina de leitura, essa professora passou por um momento assim. Não consegui ler do texto a palavra dromedário, e isso foi motivo para levar em sua mão uma reguada que doeu por muitos dias.

Quando se tornou professora, em seu juramento havia prometido nunca fazer isso com seus alunos, que iria de alguma forma, usar outros meios. No entanto, as regras escolares também eram rígidas, e o supervisor observou que os alunos delas nunca recebiam castigos e isso incomodou muito, pois a disciplina daquele lugar dependia disso.

Então foi chamada a sala do supervisor e intimada, ou seguia as normas, ou seria mandada embora. O fato, que nunca saberemos se é verdade ou mentira, mas que essa professora se tornou o símbolo do castigo dessa escola.

Um dia, ao entrar na sala, ela bateu a régua na mesa e disse:

— Silêncio! Aqui é lugar de aprender, não de brincadeira! O barulho da régua batendo já era suficiente para deixar toda a sala em silêncio.

[1] Centro Universitário de Mineiros.

As crianças tinham medo dela. Muitas vezes, depois da aula, iam para o pátio e se sentavam embaixo de uma árvore e conversando baixinho.

— Eu fico com medo quando ela levanta a régua — disse Pedrinho.

— Eu também — respondeu Aninha.

— Parece que aprender dói. Ou a gente lê e faz contas ou tudo vira dor! Não deveria ser assim!

Outro aluno suspirou e falou:

— Queria que a escola fosse diferente… que a gente pudesse aprender sem medo. Sem réguas.

Retornando do recreio, mais uma vez a régua bateu na mesa avisando que era hora de aprender. Conta-se que nesse dia uma das réguas da professora quebrou durante a aula.

— Ora, vejam só! — reclamou a professora. Como farei agora! Bagunça! Ela continuou.

— Até a régua não aguenta mais essa bagunça e conversa.

Indignada colocou no cesto de lixo os pedaços de sua régua.

Quando a aula terminou, uma das crianças, o Tobias, pegou aquele pedaço de madeira. E como um troféu chamou a turma e disse o que iria fazer com aquilo.

— Vamos enterrar isso — disse ele baixinho.

— Enterrar? — perguntou Aninha.

— Sim. Assim ela não machuca mais ninguém. Porque toda vez que ela pegar outra régua, essa também quebrará. Vocês não sabiam que essa terra é mágica?

-Não! Responderam todos em uma só voz.

- Sim, é e vamos acabar com toda essa maldade aqui da nossa escola.

Então, escondidos, cavaram um pequeno buraco no chão do pátio e colocaram ali o pedaço da régua. Dizem que, junto com a régua, caíram também algumas lágrimas das crianças.

O tempo passou. A escola mudou, novos prédios foram construídos e muita gente já nem se lembrava da antiga professora.

Mas bem naquele ponto do pátio começou a nascer uma árvore. Ninguém sabia de qual espécie seria, mas dia após dia ela ficava maior.

Tempos depois, um daqueles garotos foi com o filho até a faculdade e lembrou do que sua turma fizera. Lá encontrou outros colegas como Pedrinho e Aninha.

— Olhem! — disse ele., aqui no meio do pátio essa árvore nasceu, bem onde enterramos o pedaço da régua.

Ela cresceu, cresceu, abriu galhos largos e se transformou em um flamboyant enorme. Quando a árvore começou a dar frutos, as pessoas perceberam algo curioso.

— Esses frutos parecem… réguas! — comentou alguém.

Mas o que torna essa história ainda mais curiosa é o lugar onde ele está hoje. Justamente ali, bem em frente às salas do curso de Pedagogia. Dizem que não é por acaso.

Todos os anos, quando chega o tempo certo, o flamboyant se enche de flores vermelhas e bonitas, cobrindo tudo de cor. E muitos acreditam que isso é um lembrete silencioso: de que a educação mudou, de que ensinar não precisa nascer do medo.

Assim, enquanto seus frutos lembram antigas réguas, suas flores contam outra história, a de que aprender pode florescer com cuidado, paciência e alegria.

E quem passa por ali hoje, estudando para se tornar professor, talvez nem perceba…, mas aquele velho flamboyant continua observando tudo, guardando em silêncio a lembrança de como a educação também pode crescer e se transformar.

O CAMINHO DO APRENDER

Sunamita da Silva Sousa[1]

Antes da escola chegar,
já havia um mundo a brilhar,
feito de letras e sons
que minha mãe soube ensinar.

Com cadernos improvisados
e um carinho sem igual,
ela plantou em mim a base
de um futuro excepcional.

Já entrei na creche sabendo,
mas sem antes o conhecer:
descobri na prática,
o significado de não pertencer.

E o lugar que era abrigo
virou silêncio e tensão;
a adaptação, que era leve,
virou marca no coração.

Mas as letras me seguraram,
foram farol e direção;
me mostraram que o afeto
também faz parte da alfabetização.

Hoje, carrego comigo,
essa luz no caminho:

[1] Discente do curso de Pedagogia, Centro Universitário de Mineiros - UNIFIMES, sunasilva045@gmail.com.

quero ser a professora
que acolhe e conduz com carinho.

A que entende
que cada criança
é um universo a florescer,
a que sabe que o lúdico
também é ponte para o saber.

Porque alfabetizar vai além
de ensinar a ler e escrever:
é ajudar a criança a encontrar
o seu próprio jeito de florescer.

A FILHA DO MEIO

Kelly Cristina Silva Barros[1]
Jonatas José Batista Pereira[2]
Williany Tainá da Silva Francisco[3]

Numa casinha de madeira simples, mas cheia de vida, morava uma menina sonhadora com seus pais e seus dois irmãos. Ela era a filha do meio — e, ao contrário do que muitos costumam pensar, não era esquecida nem deixada de lado. Pelo contrário, era muito amada por todos, talvez até um pouquinho mais mimada, por causa do seu jeito doce, sincero e extremamente responsável.

Desde pequena, a menina demonstrava um olhar curioso sobre o mundo. Gostava de observar as pessoas, prestar atenção nos detalhes e imaginar histórias a partir de tudo o que via. Era daquelas crianças que encontrava alegria nas coisas simples: uma tarde no quintal, uma conversa com a mãe ou até mesmo um momento sozinha, pensando na vida.

Além disso, a menina gostava de brincar no quintal inventando suas próprias histórias. Às vezes, transformava aquele espaço simples em um grande cenário de aventuras. Um dia era uma exploradora, no outro uma professora ensinando seus irmãos, e em outros momentos apenas uma criança correndo livremente, sentindo o vento no rosto e rindo sem preocupações. Essas brincadeiras ajudavam a desenvolver sua imaginação e a tornavam ainda mais criativa.

Na escola, era participativa e sempre muito animada. Adorava aprender coisas novas e se envolvia em todas as atividades propostas. Quando surgia uma apresentação, era a primeira a se voluntariar. Ensaiava com dedicação, repetia as falas várias vezes e ficava contando os dias para o grande momento. Sua mãe, sempre presente, acompanhava tudo com orgulho. Nos dias de apresentação, fazia questão de arrumar seus cabelos com carinho, criando penteados diferentes e escolhendo roupas que a deixassem ainda mais especial. Aqueles momentos eram simples, mas cheios de significado.

Mesmo sendo dedicada, nem sempre tudo era fácil. Havia dias em que sentia insegurança, medo de errar ou de não conseguir fazer algo como gostaria. Mas, ainda assim, não desistia. Respirava fundo, reunia coragem e tentava novamente. Aos poucos, foi

[1] Discente do curso de pedagogia da Unifimes: kellycristinasilvabarros8@gmail.com
[2] Discente do curso de Educação Física da Unifimes
[3] Discente do curso de pedagogia da Unifimes

aprendendo que errar também fazia parte do aprendizado e que cada tentativa a deixava mais forte e confiante.

A casa onde moravam parecia uma pequena chácara. O quintal era amplo e cheio de vida. Havia pés de frutas que, em determinadas épocas, enchiam o ambiente de cores e sabores. As galinhas andavam soltas, ciscando pelo chão, e às vezes vacas apareciam por perto, vindas do sítio vizinho. Era um lugar simples, mas muito acolhedor — um verdadeiro refúgio para aquela família.

No começo, a casa tinha apenas dois cômodos, o que exigia criatividade para acomodar todos. Os pais, com muito esforço, improvisaram uma divisão usando um guarda-roupa, separando os espaços da melhor forma possível. Não era uma solução perfeita, mas era suficiente. Com o passar do tempo, o pai conseguiu construir mais dois cômodos. Cada parede levantada representava uma conquista, um passo importante para melhorar a vida da família.

Apesar de morar em um bairro simples, muitas vezes criticado por outras pessoas, a menina nunca se sentiu inferior. Para ela, aquele lugar era especial. Era onde estavam suas memórias, suas brincadeiras, sua família. Sua mãe fazia de tudo para que nada faltasse. Mesmo enfrentando dificuldades, conseguia proporcionar momentos felizes: comprava brinquedos, bonecas, uma bicicleta e, quando foi possível, até um celular. Não eram apenas objetos — eram demonstrações de amor.

Com o passar dos anos, a menina começou a enxergar a realidade de forma mais madura. Passou a perceber o esforço diário da mãe, o cansaço no fim do dia e, ainda assim, a força para continuar. Isso despertou nela uma admiração profunda. Sua mãe se tornou seu maior exemplo de coragem, dedicação e amor.

Em muitos momentos, a menina se perguntava como sua mãe conseguia dar conta de tudo. Era como se tivesse uma força que nunca acabava. Mesmo cansada, sempre encontrava um jeito de sorrir, de acolher e de seguir em frente. Foi observando esses pequenos gestos que a menina aprendeu, sem perceber, o verdadeiro significado de ser forte.

Sendo a filha do meio, acabou assumindo naturalmente um papel importante dentro de casa. Era aquela que ajudava, que cuidava, que aconselhava. Sempre estava atenta ao que acontecia ao seu redor. Se um irmão precisava de ajuda, lá estava ela. Se a mãe precisava conversar, ela ouvia com atenção. Sua presença era constante e significativa.

Ser a filha do meio também significava aprender a dividir — dividir atenção, espaço, momentos e até sentimentos. No começo, isso parecia difícil, mas com o tempo ela entendeu que dividir também era uma forma de amar. Aprendeu a ter empatia, a se colocar no lugar do outro e a valorizar cada pequena demonstração de carinho dentro de casa.

A relação com a mãe era algo especial. Mais do que mãe e filha, eram grandes amigas. Compartilhavam conversas, segredos, risadas e até preocupações. Nos finais de tarde, gostavam de sentar juntas e falar sobre o dia. Às vezes eram conversas simples, mas cheias de ensinamentos. Era nesses momentos que a menina aprendia sobre a vida, sobre escolhas e sobre o valor da família.

O tempo foi passando, e com ele vieram mudanças. A menina cresceu, amadureceu e passou a entender ainda mais a importância de tudo o que viveu. Cada dificuldade enfrentada, cada conquista alcançada, cada momento compartilhado — tudo contribuiu para formar quem ela estava se tornando.

Aquela casinha de madeira, que muitos poderiam ver apenas como simples, era, na verdade, um lugar cheio de histórias. Cada canto guardava uma lembrança, cada parede carregava um pedaço da vida daquela família. Era ali que sonhos nasciam, que valores eram ensinados e que o amor se fazia presente todos os dias.

A menina aprendeu que felicidade não está nas coisas materiais, mas nos momentos vividos, no carinho recebido e na união familiar. Aprendeu que, mesmo diante das dificuldades, é possível ser feliz quando se tem amor ao redor.

Com o passar dos anos, as lembranças daquela infância foram se tornando cada vez mais valiosas. Cada detalhe, por mais simples que parecesse, carregava um significado especial. O cheiro da casa, os sons do quintal, as conversas ao fim do dia — tudo isso se transformou em memórias que aqueciam o coração.

Ser a filha do meio nunca foi um problema. Pelo contrário, foi o que a tornou forte, sensível e responsável. Ela aprendeu a equilibrar, a cuidar e a compreender. Descobriu que seu papel era essencial dentro da família.

E assim, naquela casinha simples, mas cheia de significado, crescia uma menina que carregava consigo valores que levaria para a vida toda. Uma menina que aprendeu, desde cedo, o verdadeiro sentido da palavra família.

A filha do meio não era apenas mais uma. Ela era o elo que unia, o apoio silencioso e o coração que ajudava a manter tudo em equilíbrio.

E mesmo que o tempo passasse, que a vida seguisse por novos caminhos, aquela casinha e tudo o que ela representava permaneceriam para sempre dentro dela — como um lembrete de onde veio e de tudo o que a fez ser quem é.

O VENTO DAS FRONTEIRAS INVISÍVEIS

Eric Mateus Nascimento de Paula[1]

O vento sempre chegava primeiro na pequena região rural de Santa Aurora. Ele vinha pelas pastagens, atravessava os currais, balançava as folhas das mangueiras antigas e carregava o cheiro úmido da terra recém-revolvida. Naquela parte do interior, onde as fazendas se espalhavam até onde os olhos podiam alcançar, a vida seguia ritmada pelos ciclos da chuva, do leite ordenhado ao amanhecer e pelo mugido distante do gado.

Foi nesse cenário aparentemente imutável que algo começou a mudar. No início, ninguém percebeu. Algumas galinhas pararam de ciscar. Um cachorro de fazenda apresentou febre e ficou prostrado à sombra de um galpão. Dois bezerros morreram em uma mesma semana, algo que os produtores atribuíram ao calor intenso que vinha castigando a região. Mas o vento continuava soprando. E com ele vinha algo invisível.

Ninguém em Santa Aurora conhecia profundamente o homem que havia se mudado para uma pequena casa no limite entre duas propriedades rurais. Ele era reservado, mantinha as janelas sempre fechadas e passava longas horas caminhando sozinho pelos arredores. Chamava-se Augusto Vidal.

Durante anos, havia trabalhado em um laboratório de alta contenção biológica localizado a centenas de quilômetros dali. Um lugar onde portas se fechavam hermeticamente e o ar passava por filtros capazes de deter as menores partículas vivas. Ali eram estudados microrganismos raros, perigosos e fascinantes; agentes que habitavam a delicada fronteira entre o mundo animal e o humano.

Mas Augusto não estava mais lá. Demitido de forma abrupta após um conflito com a direção do laboratório, saiu sem despedidas. E, silenciosamente, levou consigo algo que ninguém percebeu. Pequenos frascos. Tão pequenos que poderiam caber dentro do bolso de um casaco. Dentro deles, repousava um agente biológico que raramente havia sido observado fora de ambientes altamente controlados, um microrganismo que se espalhava com facilidade entre animais e que possuía a estranha capacidade de sobreviver por dias suspenso em poeira orgânica. Augusto chamava aquilo de “o mensageiro invisível”. Ele acreditava que o mundo precisava sentir o poder do que havia criado. E o vento da zona rural parecia o aliado perfeito.

[1] Docente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES. E-mail: ericmateus@unifimes.edu.br

As primeiras semanas passaram sem grandes alarmes. Mas os veterinários das fazendas começaram a notar algo estranho. Animais apresentavam febre alta. Alguns demonstravam alterações neurológicas passageiras, caminhando em círculos antes de colapsarem no chão. Pequenos surtos surgiam em propriedades distantes umas das outras, sem ligação aparente. As mortes eram poucas, mas inquietantes.

Quando o primeiro humano adoeceu, ninguém fez a conexão. Era um trabalhador rural que começou com febre e dores musculares intensas. Depois vieram episódios de confusão mental e dificuldade respiratória. Dias depois, mais três pessoas apresentaram sintomas semelhantes. O hospital da cidade passou a registrar um padrão estranho: todos os pacientes tinham algo em comum: contato recente com animais.

Enquanto isso, nas madrugadas silenciosas, Augusto caminhava pelas trilhas de terra com pequenos recipientes nas mãos. Ele os abria. Sacudia suavemente o conteúdo na poeira. E deixava que o vento fizesse o resto.

Quando os casos humanos começaram a aumentar, autoridades de saúde foram acionadas. Mas a doença parecia escapar de todas as explicações. Os exames laboratoriais iniciais não identificavam claramente o agente. As propriedades afetadas não apresentavam ligação epidemiológica direta. E o padrão de disseminação parecia... irregular. Quase como se estivesse sendo guiado.

Foi então que um pequeno grupo de especialistas chegou à região. Eles não vestiam jalecos no campo. Andavam pelas fazendas, conversavam com produtores, examinavam animais, coletavam amostras de solo, água e secreções biológicas. Observavam os ventos predominantes, analisavam os mapas das propriedades e refaziam mentalmente os caminhos possíveis de transmissão.

Uma das integrantes do grupo percebeu algo curioso. Os surtos formavam um desenho. Não eram aleatórios. Se conectados em um mapa, formavam linhas sinuosas que acompanhavam estradas vicinais pouco movimentadas. Como se alguém estivesse percorrendo aquelas rotas. A hipótese parecia absurda. Mas naquele momento, todas as hipóteses precisavam ser consideradas.

A vigilância epidemiológica iniciou uma investigação silenciosa. Entrevistas, registros de circulação, análises ambientais. Foi então que um detalhe aparentemente insignificante emergiu: moradores haviam visto, algumas noites, um homem caminhando sozinho pelas estradas de terra carregando uma mochila metálica. A descrição levava sempre à mesma casa isolada.

Quando chegaram até ela, Augusto já havia compreendido que o tempo estava acabando. Dentro da residência, encontraram equipamentos improvisados de manipulação biológica, frascos vazios e anotações detalhadas sobre dispersão ambiental. Ele não resistiu à prisão. Apenas sorriu. — *O vento já levou a mensagem*, disse calmamente.

Mas ele não sabia de uma coisa. O mesmo grupo que havia identificado o padrão de disseminação já trabalhava em outra frente. Eles haviam isolado o microrganismo. Compreendido seu ciclo. E desenvolvido rapidamente estratégias de contenção sanitária: vacinação emergencial de rebanhos suscetíveis, bloqueio epidemiológico de propriedades e protocolos terapêuticos específicos para os humanos hospitalizados. Em poucos dias, a cadeia de transmissão começou a se quebrar. Os novos casos diminuíram. As internações cessaram. O vento voltou a soprar sobre Santa Aurora carregando apenas o cheiro da terra molhada.

Meses depois, quando a história começou a ser contada nos jornais e relatórios científicos, muitas pessoas ainda se perguntavam quem havia descoberto tudo. Quem havia interpretado o mapa invisível da doença. Quem havia compreendido que o inimigo não era apenas um microrganismo, mas também o gesto humano que o espalhara. Os profissionais que conduziram a investigação nunca buscaram destaque. Nos relatórios oficiais, seus nomes apareciam apenas nas últimas páginas. E apenas ali se revelava algo que poucos imaginavam.

Os responsáveis por decifrar o surto, proteger os rebanhos e salvar as pessoas hospitalizadas pertenciam a uma profissão acostumada a trabalhar exatamente naquele limite onde as doenças cruzam espécies. Eram Médicos Veterinários especialistas em zoonoses. Eram profissionais treinados para enxergar as conexões invisíveis entre animais, ambiente e seres humanos. Em outras palavras, eram heróis que cuidavam da saúde pública através da saúde animal. E naquela história em particular, foram eles que ouviram primeiro o que o vento tentava dizer. E impediram que ele levasse a doença para além das colinas de Santa Aurora.

A PRÓ-ATIVIDADE MÉDICA E A ESCUTA EMPÁTICA NO MODELO BIOPSICOSSOCIAL

Maria Clara De Alencar Silveira[1]
Renata Cristina da Costa[1]
Ana Clara Berdu Rocha[1]
Vinícius Alexandre Souza Carvalho Filho[1]
Nicole Emanuella Portes Carvalho[1]
Giovanni Isaque Soares[1]

Desde os primórdios da humanidade, a prática médica busca compreender o paciente de forma integral, envolvendo as dimensões física, psíquica e social no processo de reequilíbrio entre saúde e doença. Tal perspectiva remonta a Hipócrates, que já concebia o ser humano em sua totalidade e não como um conjunto de partes isoladas. Nesse sentido, o exercício da medicina requer um olhar humanista, fundamentado na escuta empática e ativa, capaz de compreender o mundo interno do paciente "como se fosse o seu próprio" (Rogers, 1980), sem perder a condição de observador. Essa habilidade implica ouvir com atenção, respeito e sensibilidade, reconhecendo não apenas o conteúdo verbal, mas também os sentimentos e valores implícitos no discurso do outro.

A superação do modelo positivista em saúde, que desde o século XIV supervalorizava a fisiologia mecânica em detrimento da psique orgânica, abre espaço para o modelo biopsicossocial de George Engel (1913–1999). Esse paradigma reforça que o cuidado efetivo emerge da escuta ativa, da empatia e da capacidade do profissional de situar o paciente em seu contexto de vida, transformando a relação clínica em um espaço de corresponsabilidade e compreensão mútua (Engel, 1985).

Ser um profissional do cuidado em uma Unidade Básica de Saúde, como na rede de Atenção Primária de Goiânia, exige compreender as desigualdades sociais que atravessam o cotidiano do atendimento. Dessa forma, a postura pró-ativa torna-se essencial, indo além das competências técnicas descritas nas atribuições do cargo. Trata-se de uma atitude que desperta no paciente o espírito colaborativo e participativo, fortalecendo o vínculo terapêutico. Quando o médico demonstra interesse genuíno na resolução das queixas de saúde, ele estimula o potencial de autocompreensão e autorregulação do indivíduo, facilitando o ambiente para que

[1] Centro Universitário de Mineiros.

o próprio paciente, para além da adesão ao planejamento terapêutico necessário, mobilize também seus recursos internos de cura e adaptação (Rogers, 1959).

Diversos estudos demonstram que , independentemente da resolutividade do problema, a postura pró-ativa do profissional de saúde impacta diretamente a percepção de qualidade do atendimento pelos usuários do sistema público. As ações proativas repercutem na satisfação do paciente com o serviço e com a organização de saúde, configurando-se como uma oportunidade de ir além da condição patológica (Ferreira; Dall'Agnol; Porto, 2016), vindo a estabelecer até um vínculo comportamental favorável a adesão de práticas mais saudáveis de vida.

A prática médica contemporânea, especialmente no âmbito da Atenção Primária à Saúde (APS), exige uma atuação que vá além da abordagem biomédica tradicional, integrando dimensões psicológicas, sociais e relacionais. Sob essa perspectiva, o modelo biopsicossocial de Engel (1985) torna-se referência ao reconhecer o ser humano como um sistema complexo, cujos determinantes de saúde e doença ultrapassam o corpo físico. Dentro desse modelo, dois elementos emergem como fundamentais: a pró-atividade médica e a escuta empática, competências comunicacionais indispensáveis para a humanização da atenção em saúde.

No estudo de caso analisado, observa-se que o médico entrevistado compreende sua atuação não apenas como técnica, mas também como mentorial, resolutiva e profundamente humana, destacando sua responsabilidade de não "empurrar o paciente para frente", mas de tentar ajudá-lo da melhor maneira possível. Essa postura pró-ativa se manifesta em sua busca por atualização constante no que se refere aos estudos e recursos disponíveis da medicina em constante evolução, na tomada de decisões responsáveis e na valorização do vínculo terapêutico como parte essencial do processo de cuidado.

O profissional entrevistado no contexto da Atenção Primária a identifica como o espaço onde existe "a medicina de verdade": diversa, abrangente, próxima da comunidade e rica em complexidade clínica. Para ele, a APS oferece uma oportunidade singular de acompanhar o paciente longitudinalmente, compreendendo sua trajetória de saúde e os determinantes sociais que o atravessam. Reconhece, contudo, fatores estruturais que limitam essa prática, como a falta de equipe básica, a burocracia excessiva, e o tempo reduzido das consultas, frequentemente limitado a 15 minutos.

Ainda assim, o médico relata sua tentativa de manter uma postura proativa, buscando solucionar o máximo possível dos casos clínicos de pacientes que chegam ao seu consultório e, quando necessário, encaminhá-los de forma fundamentada e ética para a resolutividade de maior complexidade. Essa proatividade também se expressa na capacidade de antecipar problemas, na compreensão dos fluxos do SUS e no entendimento de que um cuidado bem

conduzido na APS pode evitar sobrecarga em níveis secundários e terciários de atendimento. Essa atuação, conforme apontam estudos, está relacionada à maior satisfação dos usuários e melhor percepção de qualidade do cuidado, especialmente quando acompanhada de condutas eficientes e acolhedoras que trazem solução às enfermidades.

A escuta empática, fundamentada nos pressupostos de Carl Rogers (1959, 1980), compreende um modo de ouvir que envolve presença, genuinidade e sensibilidade emocional. O médico entrevistado define escuta empática como "olhar nos olhos, escutar com atenção plena e tentar entender o que está por trás da fala do paciente". Ele enfatiza que, mesmo quando não consegue resolver completamente o problema, busca ao menos direcionar o indivíduo corretamente, reforçando a importância de demonstrar o cuidado despendido com foco no esmero em trazer uma solução: "Eu ouvi e eu vi o paciente". Essa postura favorece o vínculo, aumenta a adesão ao tratamento e melhora a compreensão das reais necessidades do usuário. Na perspectiva biopsicossocial, escutar não se limita a colher sintomas, mas sobretudo compreender a rotina, os relacionamentos, as dificuldades sociais e os sentimentos que podem se manifestar como queixas físicas .

Ao relatar erros comuns cometidos por médicos — como pressa, má comunicação e desconsideração das queixas — o entrevistado reconhece que tais atitudes "cortam o vínculo". Ele afirma que, se o paciente não retorna, o profissional deve refletir sobre os motivos pelos quais teria abandonado o tratamento, destacando a responsabilidade ética do médico na manutenção do vínculo terapêutico.

A prática relatada pelo médico entrevistado confirma que a integração entre pró-atividade e escuta empática é essencial para operacionalizar o modelo biopsicossocial na Atenção Primária. A integralidade do cuidado, segundo ele, exige: equidade no uso do tempo e recursos; compreensão da história e contexto social do paciente; reconhecimento da pessoa para além da doença; acolhimento genuíno e respeitoso e primordialmente oferta de tempo pelo profissional e estrutura que sejam capazes de prover a universalidade do cuidado como princípios básicos do SUS. Além disso, o profissional destaca os desafios de ser proativo dentro de um sistema sobrecarregado, evidenciando que a postura humanizada que ele defende, nem sempre é valorizada institucionalmente, causando por vezes reações de crítica e sabotagem . Entretanto, ele reforça que "tem que ter vontade", defendendo que acolher, escutar, orientar e não fugir das necessidades do paciente constitui a essência da boa prática clínica.

O estudo mostrou que a pró-atividade médica e a escuta empática são fundamentais para que o modelo biopsicossocial aconteça, de fato, na prática. Assim, unir empatia e proatividade não apenas qualifica o atendimento, mas transforma a experiência do paciente, tornando o

cuidado mais completo, humano e próximo da realidade de cada pessoa, promovendo o olhar e cuidado integral.